

ANTOLOGIA DE POETAS ESPÍRITAS



CLÓVIS RAMOS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

ANTOLOGIA
DE
POETAS ESPÍRITAS

Organizada por
CLÓVIS RAMOS

1959

Irmãos PONGETTI – Editores

RIO DE JANEIRO

EXPLICAÇÃO

Há alguns anos li sobre a *Antologia de Poetas Espíritas* organizada pelo saudoso Clóvis Ramos e publicada no longínquo ano de 1959. Após procurar em diversos sebos, finalmente encontrei um exemplar à venda pela internet. Tendo-o adquirido, fui imediatamente impactado pela importância do material poético ali existente e preocupei-me com seu destino; muito embora o exemplar estivesse em um razoável estado de conservação, era evidente que ele estava se deteriorando ao manuseio. Resolvi então que iria preservá-lo digitando cada poema ali encontrado. Este processo foi do dia 29 de janeiro de 2013 até o dia 26 de fevereiro do mesmo ano. Procurei respeitar a escrita de cada autor, apenas intervindo no tocante à inevitável atualização gramatical ou quando a observação revelava um evidente erro tipográfico.

Meus respeitos a cada um dos poetas que constam desta antologia. Minha gratidão ao esforço de Clóvis Ramos.

Glauco Cardoso
Fevereiro de 2013

ESPIRITISMO E POESIA¹

A influência do Espiritismo na Poesia e a Poesia no Espiritismo em quase nada se modificam, pois Espiritismo e Poesia são temas, revelações, princípios e grandezas morais de que o homem se utiliza para consolar-se quando sofre.

Com a Poesia a dor é mais suave; com o Espiritismo é mais pura.

A Poesia encanta e o Espiritismo conforta.

A Poesia é o entendimento, às vezes fugindo da razão, e o Espiritismo é a própria razão de ser, atingindo o entendimento.

Aquela é o sonho que se enleva e este é a Verdade que se impõe.

Há, portanto, entre o Espiritismo – Filosofia, Ciência, Doutrina – e a Poesia – Arte, Harmonia, Beleza – a grande afinidade caracterizada até mesmo pela concentração, ponto elementar e fundamental a exigir do Espírito e do Poeta, a inspiração divina para o êxito. Dessa afinidade, dessa identificação é que surgem as influências a todo o instante e em qualquer lugar. Algumas pessoas chegaram à Poesia pelo Espiritismo, enquanto outras alcançaram a graça do Espiritismo pela Poesia.

Vasta é a literatura poetizada que gira em torno do Espiritismo e maior ainda é a Doutrina Espírita que se expande através da Poesia.

Sendo apenas sensível como as flores que recebem o orvalho das madrugadas, e vão, depois, enfeitar e perfumar ambientes, a Poesia, que é sentimento, passa a ter a missão das flores, dentro de suas bases doutrinárias e filosóficas. Somente assim, a Poesia, essa força que arrastou Dante Alighieri ao Paraíso, poderá conduzir a Humanidade rebelada pela incompreensão, através do caminho estreito e espinhoso da Vida terrena, para os braços abertos de Jesus.

TOBIAS PINHEIRO

Graças aos conhecimentos, embora restritos, que tenho do Espiritismo, consigo ver mais nitidamente, com mais compreensão, e assim melhor recordado e reparado, dons e experiências malbaratados em não sei quantas oportunidades... Hoje, com esses novos conhecimentos e com esta compreensão que me deixam ver todos e tudo, – (porque tudo e todos, mesmo sem o querer, vivem em completa harmonia e ritmo) – obedecendo a uma escala vibratória que se afina com tudo e todos, dentro das suas várias escalas e planos, equilibrando e afinando este grande concerto poético que é a obra, ainda sem palavras que a expressem, que chamamos Obra de Deus.

.....
Quando quisermos conhecer a Arte Verdadeira, basta pensarmos um pouco, concentradamente, no que vemos, lemos, ou ouvimos, e se vibrarmos com a mensagem vinda de um quadro, de um poema ou de uma música, se o artista conseguiu nos sensibilizar, transmitindo-nos algum conhecimento, alguma esperança, se conseguiu nos despertar, provocando em nós sentimentos puros de emoção ou de alegria, este artista é de fato artista e está fazendo Arte.

¹ Os textos de Tobias Pinheiro e de José Brasil se encontram, na edição original, impressos nos marcadores da capa e contra-capas, respectivamente.

Caso contrário, estamos sendo vítimas de um embuste, assistindo a um divertimento todo ele feito à base de técnica, ou melhor, o corpo da Arte. Porque Arte tem corpo e alma, como tudo mais. Todo artista verdadeiro sabe encontrar a alma da Arte a que se dedica – teatro, canto, poesia, etc. Quando a Arte encontra o seu artista, aquele que a ama com sinceridade, casam-se as almas e nessa sinfonia de almas – Arte e Artista – realizam maravilhas.

JOSÉ BRASIL

De “O Espiritismo deve usar a Arte...”

A

Agnelo Morato

Deolindo Amorim

e

José da Silva Maia Ramos

ÍNDICE

Amaral Ornellas

Astro morto / 16

Fantasma / 17

Idílio / 18

Abel Gomes

“Nem só de pão vive o homem” / 19

A Fé / 19

Alarico da Cunha

Deus / 20

Alfredo de Assis

Reinaldo / 21

Álvaro Ferreira

Avatares / 23

Atlas de Castro

Ausentes / 24

Bittencourt Sampaio

A Divina Epopeia / 25

Carlos Torres Pastorino

Resignação / 29

O Preferido / 29

Carmen Cinira

Incansável / 30

Jesus / 30

Vida / 30

Credo / 31

Casemiro Cunha

Crença de mãe / 32

Por entre campos / 32

Clóvis Ramos

Parábola da gota de orvalho / 33

Sermão / 33

Noturno / 34

Eugênio de Figueiredo

Meditação / 36

Soneto / 36

Fernando Burlamaqui

Agonia da tarde / 37

A vida tem mil caminhos / 37

Gomes Leite

Metempsicose / 39

Entre tumbas / 39

Águas / 39

Hernani T. Sant’Anna

	Síntese Evolutiva / 41
	Estranhezas / 41
	Velado arcano / 41
Hersila Valverde	
	Plenitude / 43
Jésus Gonçalves	
	Eu / 45
	As moradas do céu / 45
Leopoldo Machado	
	Na gare / 46
	Soneto / 46
	Tuberculosa / 47
	Morte de Santa / 47
Leôncio Corrêa	
	Soneto / 48
	A caridade / 48
	Canto de cisne / 48
Manuel Quintão	
	Lucífugos / 50
Osman Pedrosa	
	Despertar da alma / 51
Ramiro Gama	
	Versos à Mãe do Céu / 53
	Eu sei... / 53
Ricardina Yone	
	Ciranda da vida / 55
Rosália Sandoval	
	A dor / 56
S. Suannes	
	Castela / 57
	Divina Comédia / 57
Sebastião Lasneau	
	Matemática do tempo / 58
	Versos para você / 58
Anita Gerson Alô	
	De mãos postas / 60
	Querido / 61
Cid Franco	
	Avatar / 62
Enéas Dourado	
	Salmo / 64
	Trogloditismo / 64
	Inútil preocupação / 65
J. Herculano Pires	

Argila / 66
Espera / 66
Enigma / 66

José Brasil

Estrela Guia / 68
Finados / 68
Conflito / 69

Luiz Goulart

Regresso / 71
Palavras de uma alma / 71
Aroma da vida / 72

Lygia de Andrade Barbosa

Dois tempos / 73
Vertigem da procura / 73
A queda / 74

Plínio Pereira Ribeiro

Luz do amor / 75
Mestre / 75
Litania / 76

Seleneh de Medeiros

Senhor! Tira-me tudo, se mereço... / 77
Amanhã / 77
Poema da presença total / 77

Terezinha Rebelo de Mendonça

O violino / 79

Walter José Faé

Transição / 81
Quase uma prece / 81

Em princípios de 1958, Deolindo Amorim, num artigo publicado em “Almenara”, jornal espírita do Rio, lançou a ideia de uma Antologia de Poetas Espíritas: uma reação necessária a “tanta coisa vulgar, tanta coisa que ficaria bem nos auditórios de rádio, mas não se presta jamais a uma reunião espírita”. Queria a “valorização dos poetas espíritas”.

E nós, em silêncio, preparando a Antologia! Dissemos isso em “A Nova Era”, de Franca, São Paulo, e o Instituto Brasileiro de Cultura Espírita, que tem no incansável Deolindo um esteio, numa carta fraterna, não nos regateou estímulos.

Há que se reparar, porém, em nosso livro, – o primeiro no gênero – inevitáveis lacunas: poetas involuntariamente excluídos por não nos terem chegado às mãos os seus trabalhos; poetas ausentes, para que a obra, que bem podia ser mais completa, não se tornasse volumosa e cara. Alguns aparecem com um ou dois poemas, apenas – para que outros pudessem comparecer. O livro terá, por isso mesmo, que ser apreciado – e compreendido – no seu conjunto.

Se houvéramos conseguido apoio... Temos, em nosso país, várias editoras espíritas. Podiam ter facilitado a edição; mas... daria prejuízo! “Não se leem os poetas, hoje em dia” – disseram-nos. O aparecimento desta obra, embora com as lacunas e os senões visíveis, que o leitor desculpará, só foi possível – é preciso que se diga – devido ao entusiasmo, ao esforço enorme de José Brasil, que saiu a declamar poesia para angariar os recursos necessários. Somos gratos ao José Brasil. O Espiritismo, também.

* * *

Não, a poesia não morrerá nunca e existe para que todos se salvem. Às vezes, porque os tempos se tornam por demais difíceis, e os homens, materializados, preferem os ruidosos prazeres, a conquista do efêmero, do cotidiano, ela como que se retrai, volta às catacumbas da alma, como os cristãos antigos perseguidos por terem fé, volta ao silêncio para exhibir-se livremente; mas está viva, latente nos corações – grãozinho que espera o tempo propício, a chuva e o sol, para germinar, florescer e frutificar.

Ninguém evitará a vitória da Poesia, porque ela é o espírito de Deus derramado no mundo: existe para iluminar – sol perene – as almas espiritualizadas. A poesia é uma luz – cantava o grande Castro Alves, comparando, também, a alma a uma ave. Luz nas trevas do mundo, luz vívida, que penetra, até o seu âmago, aquele que sofre por um grande ideal.

O Espiritismo possui, também, a sua Poesia. Poesia da alma, busca incessante do que é bom, do que é belo e do que é verdadeiro: poesia nova, original, – não importa a forma, – que transcende aos sentidos humanos, que é uma revelação nova, mensagem de amor e paz, de alegria e de fé. A poesia que o Espiritismo nos revela é a poesia do mundo vindouro, que anunciamos, de concórdia e do bem. No futuro todos os homens sentirão como os poetas, viverão como os poetas, e tudo será poesia. Estamos preparando esse futuro, que já se vai tornando presente; estamos revelando aos que amam as coisas belas e santas na vida, uma poesia sem o falso hermetismo que esconde muita incredulidade e nulidade – uma poesia pura, que vem do coração como a água desce da fonte, cantante, lírica, impregnada do amor de Deus: poesia humana, que ajuda a sofrer e a perdoar, amando sempre; poesia do povo, simples como a alma do povo.

Castro Alves, espírito, veio pedir-nos, faz pouco, para trabalharmos pela Poesia – ela é espiritualização, é caminho celeste; Emmanuel, prefaciando o livro de um de nossos poetas, revelou-nos que a palavra de Jesus era poesia imortal. O mundo precisa de poesia, de mais poesia, nesta época em que se fazem, entre povos pacíficos ou indefesos, experiências atômicas, que se fabricam, belicosamente, armas atômicas e engenhos siderais. Precisa da Poesia para mudar o destino dos homens, para renovar os homens, tornando-os puros e bons, humildes e vitoriosos de si mesmos!

* * *

Agora algumas palavras sobre os poetas aqui reunidos. Fugimos, muito de propósito, às longas biografias. Dizemos só o necessário. Tínhamos, mesmo, de ganhar espaço!

Primeiro, os que se exprimiram na linguagem clássica, nas várias escolas da chamada poesia antiga, sempre nova²:

- Adolfo Oscar do AMARAL ORNELAS (1886-1923) – carioca, prosador, teatrólogo e poeta, que, com “Poesias”, 1ª série (1910) e “Poesias”, 2ª série (1911), e “Iluminuras”, conquistou real fama literária no seu tempo: neo-simbolista. Só agora vem sendo redescoberto.
- ABEL GOMES (1897-1934) – poeta e professor nascido em Minas Gerais, legou-nos uma poesia austera, vazada na crença imortalista.
- ALARICO JOSÉ DA CUNHA – nascido em 1883, em Matões, Maranhão, membro das Academias de Letras do Maranhão e do Piauí. Escreveu: “Ode à Mendiga”, “Nostalgia do Céu”, “Ode à Beleza”, entre outros livros. Jornalista. Vice-Cônsul de Portugal em Parnaíba.
- ALFREDO DE ASSIS Castro – também maranhense, nascido em Riachão, em 1881; desembargador, membro da Academia Maranhense de Letras, filólogo, crítico, professor e jornalista, além de exímio poeta. Foi diretor do Liceu Maranhense e da Biblioteca Pública do Maranhão. Exerceu o alto cargo de Secretário Geral do Estado. Publicou várias obras de crítica literária, filologia, de temas jurídicos, discursos. Mantém inédito “Pó e sombra”, poema. A perda do seu filho Reinaldo fê-lo abraçar o Espiritismo.
- ALTIVO FERREIRA de Araújo – médico do Paraná, que cedo se impôs no meio espírita como poeta, contista e orador fluente. Publicou “Versos Idealistas (Curitiba, 1953) e “Espigas do Céu” (contos, 1958).
- ATLAS DE CARVALHO CASTRO – nascido no Distrito Federal, em 1921. Tem viajado muito pregando o Espiritismo. Conferencista. Sua poesia – “Rimas do Coração” – é singela e espontânea.
- BITTENCOURT SAMPAIO (1834-1895) – sergipano, político, deputado pela sua Província em duas legislaturas, foi, também, Presidente do Espírito Santo, diretor da Biblioteca Nacional, jornalista de mérito. Obras: “Poesias” (1859), “Flores Silvestres” (1860) e “A Divina Epopeia”, sem dúvida alguma um grande

² **Nota do redator (2013):** No texto original essa relação dos poetas foi colocada em um parágrafo único, acredito que devido a questões de espaço, o que torna sua consulta difícil, motivo pelo qual optei por colocá-la aqui em tópicos.

poema evangélico. Seu nome já foi incluído, com justiça, na história da literatura brasileira.

- CARLOS TORRES PASTORINO – professor, jornalista e poliglota, nascido no Rio, em 1910. Seu livro – “Farrapos d’Alma” (Rio, 1958) revela o grande lirista que ele é, um grande sonetista. É autor de livros de música e esperanto. Crítico de arte.
- CARMEN CINIRA (Cinira do Carmo Bordini Cardoso) (1905-1933) – carioca, sem favor uma das maiores poetisas brasileiras. Destinava-se ao magistério, mas preferiu dedicar-se à literatura. Estreou com “Primeiros Voos” (1928); belo é o seu livro “Grinalda de Violetas” (1929); “Sensibilidade” e “Crisálida” (1934) são livros póstumos, publicados por seus amigos. Carmen Cinira, moça e bela, sofreu muito, e escreveu uma poesia ardente, lírica e sensual. Encontrou a paz no Espiritismo, daí os seus versos de resignação e fé que aparecem neste livro.
- CASEMIRO CUNHA (1880-1914) – nasceu em Vassouras, Estado do Rio. Órfão aos 7 anos, cego, pobre, não se projetou no meio literário. E era um pássaro canoro. Só frequentou a escola primária. “Perispiritos”, espírita até no título é o seu livro principal.
- CLÓVIS RAMOS – nascido no Amazonas, Forte de Tabatinga, em 1922, formou-se em Direito, foi promotor público, algum tempo, no Maranhão. Publicou “Evangelho do Poeta” (1953), “O Pranto ao Limiar” (1956) e “Rosa de Cinza” (1957).
- EUGÊNIO DE FIGUEIREDO – paulista, um poeta admirável, que nos deu, no passado, “Scherzos e Sinfonias” e “Ritmos Macabros” e – belíssimo – em 1958, “A Tríade do Belo”, que foi alvo de muito louvor, lido na Academia Brasileira de Letras, radiofonizado na Rádio Nacional. Publicou, ainda, com o pseudônimo de José Paulista, várias obras de crítica literária e teatro. É, também, pintor.
- FERNANDO BURLAMAQUI – magro, todo sensibilidade, o pernambucano de “Rosas do meu Jardim” e “Luz Interior” é um lírico suave, que descreve, com ternura incomum, a agonia das tardes e de todos os sofredores.
- Alberto GOMES LEITE de Carvalho Júnior (1897-1923) – nasceu em Rezende, Estado do Rio. Foi o orador de sua turma na Faculdade Livre de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro. Era redator de “A Noite”, membro da Academia Fluminense de Letras. Obras: “Cratera” (Rio, 1918), onde se descobre a sua forte personalidade poética; “Caravanas dos Destinos” (1921); “Através dos Estados Unidos”, “Póstumo”, prefaciado por Olavo Bilac, 1923.
- HERNANI T. SANT’ANNA – faz poesia condoreira, à moda de Castro Alves, simbolista à feição de Cruz e Souza e tem sonetos admiráveis que lembram Augusto dos Anjos e Antero de Quental. Seu livro “Canções de Alvorecer” foi editado pela Federação Espírita Brasileira.
- HERSILA VALVERDE – nasceu em Castelo, Estado do Espírito Santo, em 1907. Professora, ardorosa propagandista do Esperanto, escreveu, também, teatro. Seus livros, todos inéditos, são: “Sonetos” e “Frutos do Outono” (versos),

“Dois Calvários, duas redenções” (novela) e “Abaixo o Preconceito”, peça com que venceu, em 1948, um concurso de Novos Autores de Teatro Espírita.

- JÉBUS GONÇALVES (1902-1947) – nasceu em Borebi, São Paulo. Em 1930 foi acometido do mal de Hansen. Na colônia de Pirapintigui, para onde se transferiu, tornou-se um modelo de resignação e esperança no sofrimento; consolava, com as suas reuniões de estudo da Doutrina Espírita, os seus infortunados irmão de exílio. “Flores do Outono” é um livro póstumo, de muito sentimento.
- LEOPOLDO MACHADO Barbosa (1891-1957) – nasceu na Bahia, em Cepa Forte, paupérrimo na infância, conseguiu, todavia, por esforço próprio, tornar-se um extraordinário propagandista do Espiritismo, grande educador, jornalista, poeta, escritor, polemista, conferencista. Influuiu muitíssimo nas novas gerações de espíritas brasileiros. Sua bibliografia é vasta. Registramos, apenas, seus livros de poesia: “Meus últimos versos”, “Saudades”, “Ideias” e “Iluminação”.
- LEÔNICIO CORRÊA (1865-1950) – paranaense de Paranaguá. Foi Deputado à Assembleia Legislativa do seu Estado, Deputado Federal, Diretor da Imprensa Nacional, diretor da Escola Normal. Fino poeta, pertenceu à Academia Paranaense de Letras, à Petropolitana e à Carioca de Letras. Obras: “Flores Agrestes” (Curitiba, 1882); “Volatas” (Curitiba, 1887); “Em derredor da vida”, além de muita poesia e prosa dispersa na imprensa do país.
- MANUEL Justiniano de Freitas QUINTÃO (1874-1954) – fluminense, sonhava com a Escola Naval, mas viveu para o comércio, guarda-livros. Era jornalista nato. Um dos vultos mais destacados do Espiritismo cristão, ocupou, por várias vezes, a Presidência e a Vice-Presidência da Federação Espírita Brasileira.
- OSMAN PEDROSA Ribeiro – jornalista e poeta; nasceu em 1928, em Saquarema, Estado do Rio. Tem várias obras inéditas, entre as quais “Último Instante”. Dedicou-se à Astronomia. Em Niterói, onde vive, realizou a 1ª Exposição Fluminense de Astronomia. Sua poesia reflete o misticismo oriental, que o empolga.
- RAMIRO GAMA – professor e poeta, natural do rio de Janeiro, nascido em 1898. Obras: “Estuário” (1927); “O Sol da Caridade” (1937); “Meu Fanal” (1949). É autor de “Português em 20 Lições”, “Lindos Casos de Chico Xavier”, livro que teve grande êxito, “Bom Pastor” (1956) e “De Irmão para Irmão” (1958) – crônicas, artigos, contos crítica literária. É membro da Academia Carioca de Letras.
- RICARDINA YONE – pernambucana; conferencista e declamadora. Tem muito jeito para cantiga e vários livros ainda inéditos.
- ROSÁLIA SANDOVAL – poetisa de Alagoas, muito amada em sua terra. Escrevia com simplicidade. Obras: “Alvorada”, “Violetas”, “Através da Infância” – livro educativo – e “Versos Alheios”, traduções de poetas uruguaios.
- S. SUANNES (Antonio Alonso Silvinho Suannes) – poeta paulista, nascido em 1899. Além de “A Romança das Horas” (poesia) e “A Lenda de S. Tomé” (folclore), escreveu “Os Emboabas”, páginas de história, e “Govenda

Calaputra”, poema de tema indu. Suannes, como lirista puro, é um apaixonado da poesia mourisca.

- SEBASTIÃO LASNEAU – poeta cego de Barra do Pirai. Repentista. Um lírico admirável. Sua obra principal: “Versos para Eva Musa”.

Entre os modernistas, figuram:

- ANITA GERSON ALÔ – carioca, formada em Filosofia, e que se inicia nas letras como uma bela promessa.
- CID FRANCO – nascido em Petrópolis, Estado do Rio, em 1904. Deputado federal por São Paulo, foi, no último pleito, candidato a Vice-Governador daquele Estado. Um grande poeta. Escreveu: “Música Extinta” (S. Paulo, 1923), “Hóstia Envenenada” (poemas), “Poemas” (1946) e “Avatar”, donde extraímos os belos versos incluídos neste livro. Outras obras: “À Procura do Cristo” (2ª edição, 1938), “Histórias Brasileiras para a juventude” (1942) e “Não Matarás” (1952).
- ENÉAS Pereira DOURADO – baiano de Morro do Chapéu, nascido em 1909. Sua primeira escola foi o jornal do interior. Funcionário do Ministério da Educação e Cultura, Jornalista, elemento de destaque no Instituto Brasileiro de Cultura Espírita. Além de novelas e teatro, ainda inéditos, tem um livro de poesia autêntica: “Ritmos da Insônia”.
- J. HERCULANO PIRES – grande figura do jornalismo espírita, presidente do Clube dos Jornalistas Espíritas de São Paulo. Nasceu em Avaré, São Paulo, em 1914. Seu poema “África” é impressionante. “Argila” reafirma a força da sua poesia renovadora.
- JOSÉ Pereira BRASIL – nascido em Santo Antônio de Balsas, no Maranhão, em 1922. Desde menino se revelou um ator de talento. Tomou parte na 2ª grande guerra mundial. Além de poesia – “Lua Discreta” (Rio, 1958) e “Música da Vida” – é autor de várias peças teatrais, como “Os que se amam não morrem nunca” e “O bobo das adivinhações”. É formado pelo Conservatório Nacional de Teatro. Declama num estilo muito seu, incomum, que é uma afirmação de sua capacidade artística.
- LUIZ GOULART – nasceu em Vassouras, Estado do Rio, em 1920. Escritor e desenhista. Obras publicadas: “Castelos de Plumas” (1951) e “Poema da Angústia Universal” (1957), e anuncia, para breve, “Barca de Osiris” e “Palavras para teu silêncio” – inegavelmente dois belos livros.
- LYGIA DE ANDRADE BARBOSA – cearense de Quixadá, formou-se em Direito. Sabe que o poeta é missão e escreve como espírito, num estilo muito seu. “No Roteiro dos Astros”, seu belo livro de estreia, saiu em 1958. Além de ensaios, jornalismo, trabalhos jurídicos, tem outros livros de verdadeira poesia: “Asas Feridas”, “Canta um Sino”, “Canto do Sangue” e “Para Além dos Astros”.
- PLÍNIO PEREIRA RIBEIRO – paulista, autor de “Meu Casebre” (1948), “Luz de Querosene” (1950), “Bateia de Ilusões” e “Miragens do meu silêncio”. Poesia fluente, que lembra água de um oásis, já que ele se deixou influir pelos poetas árabes.

- SELENEH DE MEDEIROS – nascida em Salvador, Bahia. Pianista, declamadora de renome, sem favor uma das grandes poetisas brasileiras. Obras: “Alvorada” (1946), “Canto do Silêncio” (1948), “Gota d’Água” (poemas, 1950), “Alma Cigana” (1952), “Amanhã” (poemas, 1955) e “Canarana” (1957).
- TEREZINHA REBELO DE MENDONÇA – nascida no Distrito Federal. Funcionária pública. Musicista. Declamadora. Formou-se na Escola Nacional de Música e tem se dedicado ao ensino da arte de Villa-Lobos. É a autora da primeira coletânea de hinos espíritas.
- WALTER JOSÉ FAÉ – poeta paulista, de uma simplicidade impressionante. Ainda tão moço e já é um nome vitorioso na Poesia, autor de deliciosas trovas e cantigas e bons poemas modernistas. Além de “Espelho Fugaz”, louvado até no estrangeiro, publicou, em 1957, “De Joelhos”. Escreve como quem reza.

AMARAL ORNELLAS

ASTRO MORTO

I

Quando o amor não possui fluidos secretos
Para a alma enlear em trama fulva e ardente,
Tem a vida fugaz de alguns insetos,
Vive uma aurora, uma manhã somente.

O verdadeiro amor tem misteriosas
Canções inatas de inocência pura.
Do seu mistério desabrocham rosas,
Do seu segredo se estreleja a Altura.

Mundos embala no eternal sigilo
Dessa harmonia que equilibra os mundos;
Espalha estrelas pelo céu tranquilo,
Astros semeia pelos céus profundos.

Traz ao lodo da Terra a chama e a graça
Daquela estranha luz que os sóis aquece.
Desce dos céus e para os céus esvoaça
Como os vapores místicos da prece.

Almas aperta na corrente doce
Dos seus afetos, de purezas cheia.
Cada elo é uma ilusão, como se fosse
De sonhos feita a virginal cadeia.

Amor, força atrativa e indefinida
Que dois seres num ser confunde e irmana!
És um jato de luz que jorra a vida
Das amplidões a esta tebaida humana!

Fluido divino que o milagre operas
De consagrar almas há muito unidas,
Talvez já vindas de passadas eras,
Cheias de encanto de remotas vidas.

Assim se aclara essa atração secreta
Que tudo enlaça e com carinho algema:
Do hastil do lírio ao coração do poeta,
Da alma dos vegetais à luz suprema.

Assim compreendo as afeições violentas

Por um sorriso apenas despertadas:
Surgem da sombra com que te adormentas,
Como surgem da noite as alvoradas.

Assim defino a tua febre ardente,
Quando, num gesto irrefletido e abrupto,
A volúpia do olhar lança a semente
E a árvore da paixão cresce e dá fruto.

Compreendo, explico, o teu condão defino:
Esses que enleias e dás nervos e ânsias,
Cumprirão no Planeta o seu destino
Para a glória do amor de outras estâncias.

Trazem dentro de si germens e essências
De várias vidas outras deslembradas,
Saudades de esquecidas existências,
Vagas recordações de outras jornadas.

São seres que apartados por momentos,
Sentem da ausência a pertinaz agrura;
Almas que ouvem de longe os chamamentos
De um ser saudoso que outro ser procura.

Quando se encontram, revivesce e enflora
O bando álcere de ilusões defuntas.
Do poente do passado exsurge a aurora,
Em cuja luz elas caminham juntas.

Eis teu grande mistério, amor sagrado!
Eis o que tu bem sabes e eu pressinto:
– Nasces das próprias cinzas do passado,
Como renascem sóis de um sol extinto.

(Cantos de Amor)

FANTASMA

Surge e para ante mim, translúcida e divina,
Com lampejos de sóis no albor de cada face,
Uma alva estátua irreal de gaze ou de neblina,
Que a luz branca do luar, de longe, atravessasse.

É o fantasma de Glauce – imácua bonina
Que vi murchar no hastil do seu viver fugace.
Diria ser o amor que a revive e ilumina,

Se ao poder da saudade alguém ressuscitasse.

Olha-me com ternura ao ver-me em prantos, goza,
Resplendendo, a sorrir, numa alvura radiosa,
Que lembra o sol dourando a crista de uma vaga.

Depois treme e se esvai numa lirial brancura,
Que é o supremo esplendor da existência futura,
Ou o lento bruxolear da vida que se apaga.

(Baixos Relevos)

IDÍLIO

Sentamo-nos os dois à beira-mar. As brumas
– Pardacentos dragões que o Sol vai devorando
Trepavam pelo céu; e o oceano, calmo e brando,
Calçava-nos os pés de alvíssimas espumas.

Várias conchas de cor ele arrastava, em bando,
Pela cauda de arminho e de nevadas plumas;
Muitas – frações de aurora – iam-se abrindo, e algumas,
Quais pedaços do céu, iam na areia entrando.

E enquanto ela, sorrindo, o olhar pousava em tudo,
Na alva cauda do mar, nas conchas, no veludo
Da arcada celestial cheia de negros véus,

Vai-lhe o mar na veste, a espuma nos seus folhos,
E ficava admirando a concha dos seus olhos
Que vive a enclausurar dois pequeninos céus.

ABEL GOMES

“NEM SÓ DE PÃO VIVE O HOMEM”

Se há no mundo quem sente a mão severa
Da desgraça embargar-lhe os tardos passos,
E se ao mísero a dor dos membros lassos
O pão da caridade refrigera;

Um coração que em dor se dilacera,
E à desdita está preso em duros laços,
Encontra lenitivo entre os abraços
Da estima, da afeição firme e sincera.

E se a esmola de pão salva o mendigo
De um sofrer que dos crimes o caminho
Às vezes iminente traz consigo,

Pela esmola de afeto e de carinho,
No coração que sofre, um ente amigo
Sabe à aventura erguer risonho ninho.

A FÉ

Deus é bondade e amor. Toda a minha desdita
Fundiu-se, à luz da fé, numa ventura imensa!
E é belo de se ver como ao surgir da crença
Quanto conforto desce à criatura aflita.

Longo tempo sofri. A mente, circunscrita
À dor que a mesquinhez da fé cria e condensa
Gemia sem cessar, sob a dúvida intensa,
No desânimo atroz que abate e infelicita.

Mas hoje sou feliz. Em cada dor sofrida
Uma parcela mais parece-me vencida
De uma falta longínqua, um delito opressor.

Cada dia passado é uma esperança nova,
E em cada dor vencida é vencida uma prova
Da verdade que diz – Deus é bondade e amor.

(Felicidade)

ALARICO DA CUNHA

DEUS

A luz que temos nalma, a Luz da inteligência,
Da razão e da fé, bem revela a grandeza,
De Deus, Causa sem causa, o Criador da Existência,
Verbo Ser, conjugado em toda a Natureza!

Tempo, Modo e Pessoa... Em tudo a onisciência
O atributo mais real do Senhor da realeza,
Verbo do qual surgiu a divinal essência,
Perpetuando o Bem e espargindo a Beleza!

No esplendor paternal de imanência e de vida,
Envolve a criação, eternamente unida
À forma universal do infinito amor Seu...

E só de nós se esconde o Pai onipotente
Para ser meritória e digna a fé do crente
E para não ser tão culpada a negação do ateu!

ALFREDO DE ASSIS

REINALDO

Ó doce e meigo Espírito
De minha Mãe! De minha Mãe, que sempre
Foi nesta vida exemplo de pureza,
De bondade e de amor! que ao sofrimento
Sempre viveu intimamente unida,
E jamais blasfemou, antes, paciente,
Com doçura profunda e inalterável,
Suportava pobreza e desventura,
Cheio de Deus o coração, bem como
De luz e aroma o coração das flores...

Ó doce e meigo Espírito
Que em lucinantes páramos decerto
Adejas, – galardão bem merecido
De quem, vencendo o Gólgota dos anos,
Outro amparo não teve a constância
Na virtude serena e acrisolada!

Ó Sombra luminosa
De minha Mãe! Agora de meu filho
Sê a cuidadosa guardiã, a branda,
Carinhosa e risonha companheira!
Embeleza-lhe a estrada no Infinito!
Dissemina-lhe em torno o transcendente,
Almo perfume dos jardins sidéreos!
Aproxima-o das puras harmonias
Das esferas! Ensina-lhe em surdina
Ao deslumbrado espírito inocente
A palavra divina dos Eleitos!
Comunica-lhe a intérmina alegria
Do que, estando no escuro acorrentado,
Se partiu para a luz e a liberdade,
Para longe da treva e da amargura!

Aqui fico, no ergástulo da vida,
A chorar o infortúnio que me enoita,
A saudade indizível do meu filho,
A dor atroz de não haver podido
Conservá-lo comigo, e venturoso!
Tu, porém, minha Mãe, guarda-o contigo,
E ao Supremo Senhor pede me seja,
Quando eu deixar o invólucro terreno,

Permitido encontrá-lo sorridente,
E estreitá-lo, feliz, com os meus abraços,
E envolvê-lo na chuva de meus beijos,
E ficar a seu lado, acompanhando
Do seu destino a eterna trajetória!
Minha Mãe! Minha Mãe! Toda a tristeza
Do mundo na minha alma se acumula!
De meu filho a saudade me parece
O conjunto de todas as saudades!
E somente a esperança de algum dia
Achá-lo novamente é que me ampara:
– Ponto de luz nas névoas do horizonte
Apontando o caminho ao que o perdera,
Vela de barco a iluminar-se ao longe
Ante os olhos do naufrago das vagas...

ALTIVO FERREIRA

AVATARES

Não sou de agora, vim de priscas eras,
Elaborando a minha evolução!
Venho desde os princípios das moneras,
Buscando a luz de minha redenção!

Minhalma os anos não consumirão,
E a eternidade para sempre me espera!
Venho das larvas, do covil da fera,
Volvendo para a luz da perfeição!

Outras vidas vivi em outros mundos,
Além, na imensidão dos céus profundos,
Que nos causam pavor e dão vertigens!

Sou o produto dos esforços meus,
Venho da essência mater das origens,
Na escalada infinita para Deus!

(Versos Idealistas)

ATLAS DE CASTRO

AUSENTES

“Os mortos não morreram – são ausentes.”

Victor Hugo

Por que chorar os mortos? Não há morte.
Apenas a matéria se aniquila.
Por que temer de quem se foi a sorte,
Se é crente, se na crença não vacila?

Que invés do pranto – a prece que conforte!
E a paz, que do Alto vem, doce, tranquila,
Terá o que partiu, o rumo, o norte...
– A alma é estrela que fulge, que cintila.

Por que prender ao mundo entes amados
Que hão de viver na eterna Luz? Por quê?
Ah! são de Deus os bem-aventurados!

Da Lei do Amor e da Justiça crentes,
Por que não confiar? – Quem ama crê
Que “os mortos não morreram – são ausentes!”

(Rimas do coração)

BITTENCOURT SAMPAIO

A DIVINA EPOPEIA

Introdução

Abri o seio vosso à luz divina,
Bem como ao sol as inocentes flores,
Oh! almas que viveis no mundo em trevas!
Pedi, pedi a graça ao Pai celeste,
E ele vos dará; mas, sede humildes,
Limpos de orgulho, de ambição despidos.
Falai do ermo a Deus, onde a vaidade
O puro incenso perturbar não possa
Das vossas orações, na fé ungidas.
Separai-vos do mundo e seus prazeres:
Todas – fechai as portas dos sentidos;
Todas – deixai as coisas transitórias.
Não vos iludam o erro e os vãos caprichos
Da frágil carne; pois, ireis rolando,
Quais folhas secas pelo chão da morte.
Buscai a Cristo, ao Redentor Divino
Servir humildes, como o servo ao amo,
Na vinha trabalhando alegremente.
Ei-la plantada a sementeira nova!
Vinde os abrolhos alimpar a terra,
Antes que chegue a hora da colheita;
Antes que chegue o Mestre e vos pergunte:
“Amigos, que fizestes tanto tempo?
Por que deixastes o alvião dormindo?
Despertai, que já vão chegando os tempos
Da vindima: se sois na terra inúteis,
Sereis lançados como palha ao fogo.”
Do mundo a falsa luz não vos engane,
Que Jesus no deserto só se encontra,
Longe das turbas, aclarando a estrada.
Buscai-o, pois, nos campos da virtude,
No reino da verdade, onde noss’alma
Crescendo vai no amor que a santifica.
Não soa a sua voz na praça pública,
No centro das cidades corrompidas,
Aonde a hipocrisia ergue altares.
Há muito que na terra esteve o Mestre,
Apontando o caminho à humanidade,
Ensinando o amor que a Deus nos leva.
De novo apedrejado ele o seria,
Se de novo voltasse agora ao mundo,

Por entre os fariseus da nova espécie.
Cordeiro não virá mostrar-se ainda
Jesus, o Redentor: na cruz outrora
Por nossa salvação nos deu seu sangue.
Mas, quando ele voltar, virá de todo
Envolto em sua glória deslumbrante,
Como dono e senhor, que o é, da terra;
Mas, quando ele voltar, virá julgar-nos,
Trazendo as testemunhas do juízo:
A FÉ e a ESPERANÇA e a CARIDADE.
E com ele virão seus doze apóstolos,
Os seus amados e fiéis discípulos,
Resplendentes da luz da glória eterna.
E então vos há de perguntar dizendo:
“Que fizestes das gotas de meu sangue
Derramado na cruz por vossos crimes?
Que fizestes também, filhos ingratos,
Das palavras de amor que eu proferi
No meio aqui de vós há tantos séculos?
E nem por isto vos ficaram elas
Em vossos corações sequer gravadas,
Como lembrança deste amor sem termo?
E nem por isto dessas mesmas vozes
Ao eco infindo, que vos chega sempre,
Pudestes dar abrigo em vossas almas?
Mas quereis o perdão das vossas faltas!
E as injúrias que vós me haveis lançado?
E o escárnio que atirastes ao meu nome?
Dissestes que estaríeis preparados
Para então outra vez me receberdes,
Quando à terra eu viesse em toda a glória;
E, no entanto, viveis somente em lutas,
Em negras dissensões uns contra os outros,
Sem ter amor a Deus, sem caridade!
Pois vós, que prometestes o passado
De trevas resgatar pelos labores
Em proveito dos mais endurecidos;
Pois vós, que prometestes por meu sangue
Nada até hoje, nada tendes feito?!
Dar a vida por vossos semelhantes,
Fale por vós a Fé, fale a Esperança,
Fale por vós também a Caridade:
Sois vós que vos julgais, eu não vos julgo.”
Assim será no dia da vindima,

Quando soar a tuba da sentença,
Troando neste Val aos quatro ventos.
Vivos e mortos ouvirão tremendo
O juízo final, que o mundo aguarda
Nesse dia de horror, de eterno pranto!
Oh! quando do infinito o véu rasgar-se,
E em ondas de luz descer o Mestre,
Envolto em sua glória – majestoso;
Quando a aurora, das lágrimas surgindo,
Se veja aparecer nos horizontes,
Pejados de tristezas e de dores;
Vós não haveis de responder ao Cristo
Com a vossa ciência unicamente,
Mas, sim, com a moral dos vossos atos.
Não deveis desejar, filhinhos d'alma,
Conservar vossas frentes abatidas,
Por tantos erros que a virtude ofendem;
Por tantos sonhos de vaidades loucas,
De orgulho e de ambição pela ciência,
Ciência que vos falha em face à morte.
Não! Preferi apresentar-se antes
Cobertos dos andrajos da pobreza
Da vossa inteligência, mas co'as túnicas,
Que devem revestir o vosso espírito,
Alvas, como no céu as alvoradas,
Como as nuvens do incenso que remontam,
Com os vossos corações puros e limpos
Das máculas do mal, como os daqueles
Que vos hão de julgar perante o Eterno.
Preferi não poder olhar de frente
Os sábios deste mundo, e olhar de perto
O Cristo, o Redentor em toda a glória.
Estudai a moral – compreendei-a –
Isto é, praticai seus mandamentos,
Como houvera Jesus nos ensinado.
Porque, sem que nenhum de vós perceba,
A ciência virá – embora oculta –
Nas dobras do seu manto, que ela arrasta,
Com toda majestade, pela estrada
Sem termo do progresso. Porque o homem,
Que for cristão em Cristo, será sábio.
Amai, amai a Deus sobre vós mesmos,
Sem reserva ou temor, sem pejo ou susto,
Aberto o coração à luz do empíreo.

Fazendo a cada dia e cada instante
Um degrau para a escada de voss'alma.
Que assim como Jacob, o patriarca,
Ao céu se transportou outrora em vida,
Ao céu podeis chegar também um dia:
Amai-vos uns aos outros, que sois todos
Filhos do mesmo Pai, irmãos em Cristo;
Iguais na vida, como iguais na morte.
Não façais distinção da carne humana,
Incidente fatal do barro estúpido,
Porque o homem, que é pó, em pó se torna.
Pois que o Filho de Deus bem claro o disse:
"Quem tudo vivifica é o próprio espírito;
A carne, a carne para nada serve."
Quebrai, quebrai os ferros fraticidas
Dos míseros cativos; dai que vivam
A vida alegre do viver dos livres.
E como o Cristo, o Redentor do mundo
Imolou-se por nós, assim por eles
A própria vida oferecer devemos.
Oh! não, não vos furteis à luz divina,
Filhinhos do Senhor: enquanto é tempo,
Cuidai da salvação, cuidai zelosos.
Vinde, vinde a Jesus, o doce Mestre,
O Cordeiro de Deus, a cujo sangue
Devemos a seara da abundância.
É ele a fonte que perene jorra
Como um rio sem fim da eternidade:
Quem dela bebe, sua sede apaga
E nele o caminheiro a luz encontra,
Do portão do infinito projetada
Sobre o mundo a rolar no imenso abismo.
E assim por ela atravessando as almas,
Somente poderão chegar um dia
Às moradas do Pai, do reino eterno.

*

* *

Escutai as palavras do Evangelho,
A Boa Nova, que o discípulo amado
Por ordem de Jesus ditou aos homens.

(A Divina Epopeia)

CARLOS TORRES PASTORINO

RESIGNAÇÃO

Aceito as provações que, em meu destino rude,
vêm de um Deus sábio e bom, amigo, justo e eterno!
Aceito o sofrimento, infligido no inferno
de uma terra imperfeita, em busca da virtude.

Aceito fome, dor, luto, vácuo, inquietude,
a perda de meus bens, um frio e longo inverno,
o desamparo cruel do amigo mais fraterno,
o abandono total, que a todos desilude!

Aceito... aceito sim, humilde e resignado,
o bem pago com o mal... e nunca ser amado...
que a ingratidão compense a todos os favores...

Tudo aceito de Vós, e a Vós, meu Deus, oferto,
para purificar-me o espírito inesperto,
para dar paz e luz a meus perseguidores!

O PREFERIDO

A Luís Paulo

Segue, meu filho, segue esse carreiro infindo,
que vai sempre subindo, entre abismos profundos.
Deixa as terras e o mar, e vai sempre subindo
às estrelas e aos céus, atravessando os mundos.

Acompanha a ascensão desse roteiro lindo,
passo a passo sorrindo, entre os golpes mais fundos
das trevas contra ti: passo a passo sorrindo,
galga o cimo dos céus, os espaços fecundos.

Mas vê bem, não vás só: a estrada é longa e dura,
cada avanço é uma dor, cada passo é uma agrura,
se caminhares só. Vê se levas contigo,

em teus braços de amigos, os irmãos que fizeres
de homens bons e maus. Mas leva, se puderes,
mais junto ao coração, quem foi teu inimigo!

(Farrapos d'Alma)

CARMEN CINIRA

INCANSÁVEL

Velho sonho de amor que me fascina,
Causa das mágoas que me têm pungido
E que, entanto, conservo na retina
Como a fonte dum bem inatingido...

Flama velada, cântico em surdina
De um'alma triste, um coração ferido,
Nem pode haver linguagem que defina
O que eu tenho, em silêncio padecido!

Mas, ainda que mal recompensado
Meu amor há de sempre desculpar-te
Humilde, carinhoso, devotado...

Bendito seja o dia em que te vi,
Pois não há maior glória do que amar-te
Nem melhor gozo que sofrer por ti!

(Crisálidas)

JESUS

Toda me exalto, se cantar espero
O brilho do teu ser deslumbrador, –
Fonte excelsa do Belo e o que há de puro –
Que é perdão, caridade, alento, amor!

Debalde as frases (ai de mim!) apuro
Ante teu vulto estranho e superior:
Não dirá nunca o verbo humano obscuro
A tua perfeição, teu esplendor!

Tu que és tão bom, tão sábio e poderoso
E da humildade o exemplo sublimar
Trouxeste ao mundo impuro e tão vaidoso,

Dá-me forças, na dor que aperfeiçoa,
Para aceitar sorrindo todo o mal
E amar a quem me odeia ou me atraiçoa!

VIDA

Vida, que és boa para tanta gente,
E a tanta gente embriagas de prazer:
Para mim foste má, foste inclemente,

E deixaste-me exausta de sofrer!

Quando, às vezes, recordo tristemente,
As agonias do meu pobre ser,
Tu me causas pavor... De tão descrente,
Alegro-me, ao pensar que vou morrer!...

Caiba ao Destino a culpa de ter sido
A minha mocidade um só gemido;
Mas, sei que o meu faminto coração,

Na morte, que, bem sinto, virá breve,
Há de achar o carinho, que não teve,
E a paz, que tanto mendigou em vão!...

CREDO

Creio em Deus, que gerou, sob a magnificência
De um mistério estupendo, a terra e o mar profundo;
Creio em Deus, que revela a singular essência
Na perfeição da flor, nas grandezas do mundo.

Creio em Deus, que retrata a enorme sapiência
Nas leis universais, na luz do sol fecundo;
Creio em Deus, que demonstra a sua onipotência
Na fé que purifica e alenta o moribundo...

Deus, que fez o perfume, as flores, a amplidão,
Desde o céu constelado à relva de veludo;
Deus, que o morto levanta, e é carinho e perdão...

Deus, o fanal do Bem, que chama o pecador,
Que fez a criatura e que, acima de tudo,
Fez a música, o sonho, e os milagres do amor!

CASEMIRO CUNHA

CRENÇA DE MÃE

Cria, era a sua crença: livre, fora
Da carne, pela morte a alma subia
Ao campo do infinito, sem demora,
E em nova estrela, nova tenda erguia.

Morreu-lhe o filho; e a pobre velha, agora,
Todas as tardes, mal se oculta o dia,
Senta-se à porta e, pela noite afora,
Os astros, um por um, sonda e vigia...

Uma vez perguntei-lhe, nas estrelas,
Que buscas tu, ó mãe desventurada,
Que não te cansas nunca de revê-las?!

Então, nos olhos perpassou-lhe o brilho
De uma esperança... e respondeu-me: – Nada,
Quero saber em qual está meu filho.

POR ENTRE CAMPAS

(Em dia de finados)

Ossadas brancas, mármore e cruces,
Lágrimas, círios, flores e gemidos,
Misto de orgulho e treva que conduzes
À mágoa tantos corações feridos.

Pranto e flores que valem, tantas luzes
E pompas? nada... fumos incontidos...
Crença, do homem, por Deus não mais abuses:
Deixa-o aspirar novos ideais subidos.

A morte, que é? transformação apenas:
Finam-se larvas e alam-se falenas:
É tudo assim, morrendo, se renova.

A humanidade é feita de crianças...
Rasguem-se crepes e ergam-se esperanças:
A morte é o berço de uma vida nova!

(Perispíritos)

CLÓVIS RAMOS

PARÁBOLA DA GOTA DE ORVALHO

Gota de orvalho cristalino,
foste, talvez, água do mar;
depois, vapor, subiste às nuvens,
foste no azul do céu pairar,
e hoje, na Terra, novamente,
numa corola vens brilhar!

Assim também és tu, minh'alma.
Esta verdade hei de calar?
Uma vez mais voltaste à Terra,
a esta mansão do teu penar;
mas, hoje, sendo a alma de um poeta,
és mais feliz – sabes cantar.

Gota de orvalho cristalino,
serás de novo água do mar!

SERMÃO

Quem tiver luz que a deixe no caminho
alumiando a rota do viajor!
Quem tiver fome e sede de carinho,
Coma este pão, beba esta água – o Amor!

Quem tiver duas capas que ofereça
uma ao que nada tem e anda curtindo
o frio deste inverno, sem que a peça,
sem dizer quanto frio está sentindo!

Quem tiver inimigo não se esqueça
de reconciliar-se enquanto é dia,
porque, talvez, depois, quando anoiteça,
não mais o tenha em sua companhia.

Esta é a verdade que me transfigura:
Sou pela paz, sou pela luz mais pura
da Poesia que não tem fronteiras.

Sou pelas almas do Ideal pioneiras,
as sonhadoras e vitoriosas
almas iluminadas de Tristeza.

Sou pelas mãos que cultivaram rosas

para os olhos pedintes de beleza!

De caridade é que precisa o mundo.
Sede bons, imitai a água corrente:
Passa rolando e, indiferentemente,
lava o seixo do fundo.

Sou pela glória de servir primeiro,
pela libertação total da vida.
Quem for melhor do que seu companheiro,
cure-lhe a ferida.

Sou pelo bem e pelo verdadeiro.
Toda luz deste mundo é dor sofrida.
Por isso vivo, de alma comovida,
vivo cantando para o mundo inteiro!

(Evangelho do Poeta)

NOTURNO

Harmonias do azul cantam pelos meus versos,
cítaras e harpas, vozes em surdina,
os acordes da música divina
pela noite dispersos.

Vozes do coração em lânguidos sonhos,
os cânticos das almas suaves, puras,
as doçuras das rezas, as doçuras
dos místicos luars.

Nos meus versos, a luz que dos céus irradia
a Estrela, nos meus versos a beleza
que eu vi, aureolada de tristeza,
nos olhos de Maria.

Nos meus versos, a paz das noites consteladas,
aromas dos jasmims, nardos e rosas,
as brancuras das formas vaporosas,
espiritualizadas...

Choros dos violões em cadências vibrando
queixas boêmias pelas ruas quedas;
silhuetas de amor nas alamedas,
sonhando, suspirando...

Anseios de minh'alma em visões do Infinito,
ternuras e dolências e queixumes,
e esperanças, e dúvidas, e ciúmes,
num gemido, num grito.

Vagas recordações de paisagens ignotas,
de ignotos mundos fontes sussurrantes,
flores de eternas formas fulgurantes,
velas de estranhas rotas.

Harmonias do azul cantam pelos meus versos,
cítaras e harpas, vozes em surdina,
os acordes da música divina
pela noite dispersos...

(Cântaro Místico)

EUGÊNIO DE FIGUEIREDO

MEDITAÇÃO

Estruge o mar, colérico, na rocha,
em ímpetos de raiva mal contida;
no mesmo mar, uma onda, mal nascida,
um sorriso de espumas desabrocha.

Na floresta, ao rugir do vendaval
que curva as comas, verga os troncos flébeis,
nascem florinhas de corolas débeis
nalgum recanto onde não chega o mal.

Em nós, isto se passa assim também;
temos na vida tantas intempéries
que, uma a seguir outra, formam séries
que a custo em nossa vida se contêm.

Mas dentro dessas cóleras sombrias,
a par desses momentos de desgraça,
quantas vezes não devemos rir a graça
de um bendito punhado de alegrias?

SONETO

Tu que tropeças pelos maus caminhos,
entre lutas, anseios, dissabores,
ensanguentando os pés pelos espinhos,
bebendo o fel de tantos amargores;

tu que vives tão órfão de carinhos,
sem sorrisos de afeto, afagadores,
sem conhecer a maciez dos ninhos
nem o perfume cálido das flores;

levanta para o céu tua alma em prece,
e verás que o teu mal desaparece,
transformando-se em riso os prantos teus!

Despreza, irmão, esse pungir aflito,
ergue o teu coração para o Infinito,
e verás a alegria vendo Deus!

FERNANDO BURLAMAQUI

AGONIA DA TARDE

a Lopes da Silva

Na tarde que agoniza, em ânsias dolorosas,
por entre os vagos sons de santas ladainhas,
um sino plange além... E trêfegas, graciosas,
alteiam-se no azul álacres andorinhas.

Sobre as serras sem sol, sombrias, silenciosas,
quedam-se, em derredor, as fazendas vizinhas...
– Quem o poema fará, dessas horas formosas?
– Como crescem aqui, estas tristezas minhas!

Passa o vento a gemer uma doce elegia...
Mugem bois mansamente. Há mistérios e mágoas
na claridade azul que fenece com o dia.

Morre a Tarde! E em surdina, a passar entre fráguas,
sob um verde docel de espessa ramaria,
corre o rio cantando, ao reluzir das águas.

(Rosas do meu Jardim...)

A VIDA TEM MIL CAMINHOS...

Do mundo nos torvelinhos,
sigamos de olhos abertos,
que a vida tem mil caminhos
de urzes e rosas cobertos.

E as dores são como espinhos...

Espalhai, almas bondosas,
espalhai pelos caminhos,
esperanças luminosas
nas almas dos pobrezinhos.

As esperanças são rosas...

Para as almas caridosas,
há muita dor refletidas,
por essas sendas tortuosas,
pelos caminhos da vida.

Vede bem, almas piedosas...

Soframos de olhos serenos,
Que a dor é bem merecida.
Uns sofrem mais, outros menos,
mas todos sofrem na vida.

E há tanta dor escondida...

De grandes ou de pequenos,
do mundo, nos torvelinhos,
quantas mãos erguem acenos
pelos desvãos dos caminhos!...

Soframos de olhos serenos...

A vida tem mil caminhos,
com rumos vários e incertos,
alguns repletos de espinhos,
outros de rosas cobertos.

Olhai para os pobrezinhos...

Pois se às fontes luminosas
do amor, de braços abertos
seguirdes, nascerão rosas
mesmo em caminhos desertos.

E de espinhos fareis rosas...

Almas boas, caridosas,
bendizei vossos caminhos...
quer sejam feitos de rosas,
quer sejam feitos de espinhos,

A vida tem muitos caminhos...

(Luz Interior)

GOMES LEITE

METEMPSICOSE

Desde que me senti dentro de um ser humano,
Clamo de ânsia e de dor, num lamentoso acento...
Clamo aos céus! E responde, ao meu clamor insano,
A impassibilidade azul do firmamento.

É que a alma, que ora encontra em meu corpo um convento,
Foi, noutros tempos, a alma undivaga do Oceano:
Pelas praias carpia e, ao largo, feita em vento,
Concavava de crença ao navegante o pano...

Erguia-se, ao exorar, sobre a crista das vagas,
Nas noites de procela... e errara por mil plagas...
Mas ninguém lhe entendera um único gemido!

E essa alma de tritão é a que hoje em mim se inflama,
Dando-me, como ao mar que eternamente clama,
A tortura de ser o eterno incompreendido.

ENTRE TUMBAS

Relampejam, por entre os ciprestes funéreos,
Fogos fátuos que são como que almas ignotas,
Na ânsia de revelar fantásticos mistérios,
Para alarem depois às regiões mais remotas...

No alto, a Lua escancara os seus olhos sidéreos
E o seu olhar inunda oceanos, pampas, grotas...
Salpintados de branco, os ermos cemitérios
Parecem colossais ovelhadas imotas.

E num deles branqueja uma esquecida lousa,
Onde d'ardente poeta um cérebro repousa:
– Campanário que ruiu, mas cuja voz é infinda!...

E a aragem, que a roçou, leva, esbarrando em tudo,
O gemido de dor, tão brando e tão agudo,
De alguém que já morreu e que soluça ainda!

(Cratera)

ÁGUAS

Águas, turvas e claras há na terra,
Estagnadas, correntes, borbulhantes.
Águas de mar, que oscila; água de serra,

Que desce argêntea em córregos cantantes;

Água quieta dos lagos; água que erra
Sob o chão e que, apenas por instantes,
Uma cisterna a altura lhe descerra;
Água altívola em cumulus dostantes...

Ah! mas uma água existe dentre as águas,
Que, sendo a lava do vulcão profundo
Da alma candente de paixões insanas,

É o maior lenitivo para as mágoas:
– Água do Céu, que surge neste mundo,
Gotejando das pálpebras humanas!

HERNANI T. SANT'ANNA

SÍNTESE EVOLUTIVA

No princípio é o Cosmo que se agita,
Sem expressão nem forma definida;
A essência prima e bruta revolvida,
Que se agrupa, se adensa e se engranita.

Depois, é o Vegetal, no qual já habita
A primeira eclosão da luz da vida;
É o Animal, a iniciar a lida
De levantar o Ser que em si palpita.

Depois, é o Homem – equação divina
De consciência, senso e de razão!
O Homem que luta e sofre e se ilumina...

Depois, ainda, é o Rei da Criação:
O Anjo, que aos pés de Deus ora e se inclina
Dominando o Universo... – É a Perfeição!

ESTRANHEZAS

Por mais estranho que pareça à gente,
Morre quem vive e quem falece nasce;
O tempo é simples ilusão fugace,
O humilde é sábio; o sabichão, demente!

O Sol é um ponto, apenas, do esplendente
Concerto sideral à imensa face...
Pequeno é o grande, e o vencedor rapace
Não passa dum penado delinquente!

Mais do que o riso, a dor é uma ventura;
E tanto mais se felicita e avança,
Quanto mais sofre o ser e se amargura!

Quão mais descer em si, maior altura
Nossa'alma, em proporção direta, alcança,
E quão mais se apagar, tão mais fulgura!

VELADO ARCANO

Nos velados arcanos misteriosos
Que guardam do pretérito a lembrança,
Eu penetrei curioso qual criança
Num palácio de brincos preciosos.

Quem fui outrora? Do destino a trança
Quem pode desvendar? Nós caprichosos
Retinham, retorcidos, vigorosos,
Os sigilos que a História não alcança.

Esforcei-me, suei, perseverei,
Mas tive que sustar minha ansiedade,
Face do grão mistério inquietante...

Mas depois, bem pensando, na verdade,
Que me servira o ver-me delirante
Nos brejos da perfídia e da maldade?
(Canções do Alvorecer)

HERSILA VALVERDE

PLENITUDE

De longe vimos, no escoar das eras,
Colhendo flores ou calcando espinhos...
Heróis – em louros de vitória ornados,
Escravos... Reis... Mendigos... Eu e tu...
Quem és?... quem sou?... Que força extraordinária
As nossas duas vidas imantou?...
Por que teu esplendor me inunda a alma
E a dor que me feriu teu ser penetra?
És meu!... Sou tua!... E a mútua essência
Que as nossas ânsias numa só confundem,
Que as nossas rotas para o Bem norteia,
Heroica, sublimada, estranha e rara,
É a mesma que mantém as órbitas dos mundos,
Resplende na alvorada e desabrocha
A triste flor do goivo, nos caminhos...
É a mesma que é terror nas tempestades,
Que explode em luz e forças nas cascatas,
E num beijo de mãe, presente está...
Se longe vais, eu sinto que minha alma
De teu fulgor recebe impulso e freme...
Que importam condições de nome e classe,
Que importam raças, leis e preconceitos,
Se em tal rigor, assim nos completamos?...
Na luz, na cor, no riso da criança,
Na ondulação suave da harmonia,
Na graça de uma flor, nos estos de bondade,
Nas gradações de simpatia e amor,
Há, de nós dois, algo em comum... Por quê?
Possuo a tua vida!... A ti minha alma oferto,
Na glorificação do Amor – Amor que, eterno,
Em nós fulgindo, o Mundo inteiro tem...
Subindo às culminâncias mais audazes,
Descendo às mais horrendas profundezas,
Nós ambos – Tu e Eu – almas somente,
Aqui e agora, assim nos encontramos!
Que importa outros possuam bens, renome,
A forma perecível que hoje habitas,
Se, eterno, em nosso amor que esplende e exulta,
O próprio Sol nos doura em seu fulgor?...
Se a natureza inteira,
Num grito de vitória, em luz vibrando,
Eterna como a Vida, em nós impera?...

E a luta, e a dor que o nosso ser burila,
Ventura e sonho, encantos, devaneio,
Sorriso e pranto... glórias... desventura,
Degraus formando vão, para nós dois?...
E se, no embate desse prélio ingente,
O Mundo te ofertar palmas e louros,
Eu, de joelhos os recolherei...
Que tuas glórias, minhas glórias são...
E em plenitude, neste amor imenso,
Varando esferas, devassando mundos,
Basta que vivas e que eu possa amar-te...
Basta que existas para eu ser feliz...

JÉBUS GONÇALVES

EU

Eu, desta vez, metido na enclausura
de um cárcere de chagas e de dores,
vivo cantando o Bem da desventura,
num grande espinheiral colhendo flores!

Animado que estou de outros pendores,
vejo no Amor a única ventura.
E bebo o fel crucial dos dissabores,
certo de ser um bem o mal que cura!

Cumpre-se a Lei! As lágrimas vertidas
são como orvalho de manhã radiosa,
que vem curar as chagas de outras vidas.

Outrora Fariseu, fugia à Luz...
Palmilho agora estrada dolorosa,
buscando Aquele que morreu na cruz!

AS MORADAS DO CÉU

Estrelas do infinito! Lâmpadas doiradas!
Sempre luzindo assim, em flocos pequeninos,
vós sois – não se duvida – as tais “muitas moradas”
de que Jesus nos fala em lúcidos ensinamentos!

Oh! sóis maravilhosos! Mundos peregrinos,
que andais em turbilhões, em loucas disparadas,
sulcando o espaço imenso, a preparar destinos
para as almas que estão do mal emancipadas.

Sois páginas de fogo, cheias de verdade,
falando eternamente, em todas as linguagens,
que mora em cada mundo igual humanidade.

Falais no mesmo tom, a crédulos e ateus:
– Oh! vós que contemplais as celestiais paragens;
nós somos como vós, nascidos de um só Deus!

(Flores do Outono)

LEOPOLDO MACHADO

NA GARE

“Adeus! Adeus! Que dor, deixar-te!
Viver sem ti? Por Deus, não me acostumo!”
Silva o comboio alvoroçado e parte,
Lançando grossas espirais de fumo.

Ela chorou... Ninguém há que se aparte
De um amor sem chorar! Ninguém, presumo.
Fora meu pensamento e a alma, dest’ arte,
Como a seguir-lhe a sombra, o mesmo rumo.

Entardecia: o sol, mortiço e langue,
Deitava-se por sobre o rubro flanco
Do poente avermelhado, cor de sangue.

Ainda ao crepúsculo esmaecido, baço,
Via de longe o seu lencinho branco,
Agitando-se, trêmulo, no espaço.

SONETO³

Sempre ela me dizia, às noites, pelas
Horas de mais tristeza e de mais calma.
“Quando eu morrer, quem dera que milha alma
Fosse habitar o seio das estrelas!”

E derramava o olhar tristonho e baço
Pelos astros claríssimos, dispersos
Na vastidão intérmina do Espaço...

E morreu numa tarde alva de outono,
Deixando em viuvez meus rudes versos
E a louca de minha alma no abandono!

É por isso que eu fico, às noites, quando
Sua lembrança imensa me flagela,
Em todas as estrelas procurando,
Na luz de cada uma, os traços dela.

(Ideias)

³ **Nota do redator (2013):** Apesar do título do poema indicar tratar-se de um soneto, sua estrofação não segue a divisão clássica do soneto petrarquiano (4-4-3-3). Optei por mantê-la aqui tal qual aparece no livro (4-3-3-4) por entender poder tratar-se de estilo escolhido pelo autor.

TUBERCULOSA

Tosse. Sempre que tosse, a destra leva
Ao magro peito, dolorosamente.
Parece até que a morte já pressente,
Que já lhe sente perto a espessa treva...

Tosse. E, se um pouco mais, a voz eleva,
Emite cavos sons, dolentemente.
E como enche de dó a alma da gente
Aquela infortunada filha de Eva!

Tosse. Para o Infinito os olhos volta,
Certo, elevando a Deus o pensamento,
Enquanto a alma do corpo se lhe solta...

E desencarna, orando, comovida,
Bendizando, feliz, seu sofrimento,
Que lhe será ventura na Outra Vida.

MORTE DE SANTA...

Funda tristeza

Pintou-se, vivamente, em cada rosto.
Em derredor, tudo chorava, posto
Sua morte não fosse surpresa.

Foi num chuvoso amanhecer de agosto;
Choveu muito por toda a redondeza.
Chorou-lhe a morte a própria Natureza,
Transida, certamente, de desgosto...

Morta, viam-se, ainda, em sua face,
Ligeiros traços cândidos, serenos,
Trazendo à ideia seres divinais...

Certo, quando se deu o seu transpasse:
Houve prantos na Terra – um justo a menos!
Houve risos no Céu – um anjo a mais!

(Iluminação)

LEÔNICIO CORRÊA

SONETO

O céu azul e transparente... um vago,
Suave olor de recedentes rosas
Por tudo, em tudo morno e doce afago:
Dos ninhos às campinas silenciosas.

O vento passa, de amoroso, – gago
Por entre as ramarias sonoras
Bailam os raios do luar no lago
Como trêmulas sombras vaporosas.

Soluça no luar um doidejante harpejo
Voluptuoso, febril, lascivo, ardente
Tal como o ruído de um primeiro beijo.

E as estrelas no céu cercam a lua:
– Odaliscas guardando eternamente
Alva sultana eternamente nua.

A CARIDADE

Dos humildes irmã, e mãe dos infelizes,
Abrigo-os em meu seio, acolho-os com bondade;
E ao calor do meu beijo, o lírio da piedade
Lança nos corações abençoadas raízes.

Povos e religiões de todos os países
Conhecem do meu riso a imensa claridade;
Sou santa sem ateu, tenho da humanidade
O culto, a adoração entre os vários matizes.

Onde a fome organiza uma ronda sombria,
Onde a miséria existe, onde a desgraça chora
Apareço e, comigo, aparece a alegria.

Mensageira de Deus – do justo a alma sonora
Deço, entre anjos do céu, à noite oponho o dia,
E ao crepúsculo triste, o resplendor da aurora.

CANTO DE CISNE

Cego – completa escuridão – tateio
Sem um velho cajado a que me arrime
Expição, talvez, de um grande crime
Mas onde, quando e como pratiquei-o?

Das aves ouço o matinal gorgueio...
Invejo-as, e essa nobre inveja exprime
Uma resolução firme e sublime
De encarar a hora extrema sem receio.

Ao Pai celestial minh'alma entrego
Às margens quase de outra vida cego,
Mas abrasado de infinito amor.

Pelo bom Deus, que me concede ainda
Quando minha missão na terra finda,
Esta bendita luz interior.

MANUEL QUINTÃO

LUCÍFUGOS

Um dia, pobre verme a custo rastejando
De sob um tronco velho, apodrecido, veio
De fenda em fenda, fora, a luz do sol buscando
Num tremendo lutar, num doloroso anseio.

E ao sair daquele antro enegrecido e feio
Ele que até então a noite houvera, quando
Viu do sol toda a luz e recebeu-a em cheio,
Ficou tonto de luz e morreu delirando:

Assim, na vida humana, o homem, triste verme,
À face do planeta – o tronco envilecido –
Busca o sol da verdade, a verdade encontrando:

Mas cego de esplendor, quantas vezes, inerte
Escravo do passado à luz não convertido,
A si mesmo se nega e morre a um Deus negando!

OSMAN PEDROSA

DESPERTAR DA ALMA

Deixa o dia fechar a pálpebra dorida,
E apagar-se no ocaso a Lâmpada Solar;
Pela praia tranquila, adormecer o mar,
E extinguir-se do mundo o tumulto da Vida...
Deixa o dia fechar a pálpebra dorida!

É um silêncio tecido de canções estranhas,
É um momento perdido num mistério vago.
Ah!... Não corre uma brisa sobre o azul do lago,
Nem murmura a fonte, ao longe, nas montanhas...
É um silêncio tecido de canções estranhas...

Deixa a noite abraçar toda a terra esquecida,
Com seus braços sutis de tépido veludo...
Seja a terra um abismo de silêncio, mudo,
Onde jaza a existência humana adormecida...
Deixa a noite abraçar toda a terra esquecida...

Hás de surgir, então, ó Alma peregrina!
Envolta no mistério de longínquas vidas
– Todo o espanto do Além nas pupilas feridas
Pela eclosão astral da Verdade Divina!
Hás de surgir, então, ó Alma peregrina!

E diremos segredos que ninguém conhece
– “Quem és tu, meu amigo”, – e sorrirás, amada...
– “Eu sou a tua ausência – ó Luz Imaculada!”
Eu te responderei em silenciosa prece
E diremos segredos que ninguém conhece.

“Para encontrar-te, ó Alma, venho de tão longe...
Fui pedra, planta e fera, e ao meu olhar ferino,
Quantas vezes brilhou meu punhal assassino?
Quantas vezes fui rei? Quantas vezes fui monge?
Para encontrar-te, ó Alma, venho de tão longe...

Eu conheço a Lemúria, a Atlântida perdida,
A China milenar, o majestoso Egito
Com seu culto imponente, a esfinge de granito!
Cada terra uma dor... uma etapa vencida!
Eu conheço a Lemúria, a Atlântida perdida.

Vivi na Índia antiga, à sombra do Himalaya,
Meditei – e ao lembrar o meu ser se transmuda –
As palavras de Krishna e as doutrinas de Budha,
E aprendi a vencer as tentações de Maya!
Vivi na Índia antiga, à sombra do Himalaya!

Vi Jesus semeando a luminosa ideia
do Amor, do Bem, da Luz, – e, – triste e solitário –,
Vi-o subir, sangrando, ao cimo do Calvário...
Eu era um camponês na doce Galiléia...
Vi Jesus semeando a luminosa ideia...

Já fui pária e rajá, perambulei a esmo,
À procura de Deus – ó desgosto profundo!
Fui buscar muito além, nas tristezas do mundo,
A Luz pura do Amor que eu trazia em mim mesmo!
Já fui pária e rajá, perambulei a esmo!

Hoje, triste e cansado, eu me ergo dos escombros.
E te encontro, afinal, ó Alma Peregrina!
E – envolto no esplendor da Verdade Divina,
Essa cruz secular me retiras dos ombros!”

Tais segredos diremos, que ninguém conhece:
– “Quem és tu, meu amigo?” – e sorrirás, amada...
– “Eu sou a tua ausência, ó Luz Imaculada!”
E ao Pai entoaremos silenciosa prece...
Tais segredos diremos, que ninguém conhece...

E juntos seguiremos, meu Amor, queimados
pelo Fogo Sagrado que em teu seio lavra...
E seremos um só – Alma e Corpo enlaçados –
No misterioso Amor, sem gesto, e sem palavra!...

RAMIRO GAMA

VERSOS À MÃE DO CÉU

Que eu tenha, Mãe do Céu, a Luz Divina,
Que espiritualiza, que melhora;
Que eu possua a Verdade, esta que ensina
Onde está Vosso Amor, – onde Deus mora!

Que eu tenha, Mãe do Céu, noção exata
Do vosso grande Amor por mim, por nós:
Que, vivendo a Virtude, o vício mata,
Pois é de Deus a soberana Voz!

E que, com Ele, Mãe, com vossa ajuda,
Eu faça o Bem e o Bem viva comigo:
No conselho fraterno, em prece muda,
Principalmente quando eu for Abrigo!

Abrigo, sim, dos meus irmãos, coitados,
Esses que lutam, sofrem, gemem, sós,
Sempre cheios de Fé e consolados,
Esperando a Esperança, que sois Vós!

Que eu tenha, Mãe do Céu, de Vós a Graça:
De possuir Esse Amor, tendo Essa Luz;
Ser abrigo do Filhos da Desgraça
E servo humilde do Senhor Jesus!

(O Sol da Caridade)

EU SEI...

para Benedito Andrade

Eu sei que não fui bom em eras primitivas...
Trago em mim os sinais de uma batalha estulta
Que contra irmãos mantive em vidas sucessivas,
Que minha alma insultou, mas que hoje não insulta...

A dor, somente a dor, tem esse privilégio
De acordar nosso ser aos apelos divinos;
E foi ganhando assim esse presente régio,
Que ensinos eu ganhei, excelsos, peregrinos.

Agora a caminhar pelos caminhos rudes,
Começo a conhecer minha alma e meu destino,
Aprendendo a ganhar o ouro das virtudes
E a ser, por este mundo, o menor, pequenino...

Jesus de Nazaré: Meu Mestre e Redentor,
Que o Deus nos revelou como um Sol de Bondade;
E busco através Dele o verdadeiro Amor
E busco a salvação em Sua Caridade!
(Meu Fanal)

RICARDINA YONE

CIRANDA DA VIDA

Esta vida é uma ciranda,
Todos têm que cirandar,
Rodam velhos e crianças,
Todos trocam seu lugar...

Menininho, menininho,
Que ides contente brincar,
Amanhã sereis velhinho
Com netinhos a embalar...

Tudo passa nesta vida,
Tudo passa e se esboroa,
Não ficai, menina e moça,
Não ficai sonhando à toa.

Esta vida é muito boa,
Cirandando tudo vem.
Vede a ave que além voa,
Vede o sol que vem também...

Esta vida é uma ciranda,
Todos têm que cirandar,
Abram alas, meus senhores!
Abram alas! Vou passar!

– Quem sois vós, soberba e forte,
Que falais tão atrevida?
– Eu sou tudo! Eu sou a Morte!
Sou a razão desta vida!

Vida, quer longa quer breve,
Tem meus poderes iguais.
É como um floco de neve
Que ao meu calor se desfaz.

.....

Esta vida é uma ciranda
Todos tem que cirandar,
Rodam velhos e crianças,
Todos trocam seu lugar...

ROSÁLIA SANDOVAL

A DOR

Como és sombria e como vens risonha,
emissária do pranto!

Vens envolver-me no teu negro manto,
ferir minha alma que delira e sonha.

Tu és a dor, a eterna companheira
que Deus me destinou.

Quando a Ventura vinha prazenteira,
tu lhe acenaste... E a Ventura voltou.

E junto de meu braço te ficaste,
sentinela avançada.

De tudo o que era alegre me afastaste,
mostrando a minha dolorosa estrada.

E assim vieste ceifando pela vida
todos os sonhos meus.

E, quando eu te fugia combalida,
Mais me feriam os espinhos teus.

Eu te maldisse em minha atroz cegueira,
precursora da Luz.

Nem percebi que foste companheira
do meigo Lírio que morreu na cruz.

E, no entanto, és a carta de alforria
da pobre alma escrava.

Eu te julgava noite, e és o dia!

– Água lustral que nossas culpas lava!

S. SUANNES

CASTELA

Em um castelo lindo como um sonho
Fui encontrar-te em plena madrugada.
Eu era o Conde Louro da balada,
Eras a castelã de olhar tristonho;

Eras Dona Beatriz e eu Dom Orlando.
Falavas de canções e eu de cruzada...
Jurei guerrear os mouros de Granada
Beijando tuas mãos feroz, medonho.

Depois... Estou no leito; o tédio é enorme.
Levanto-me, abro, trêmulo, a janela;
Noite e silêncio: a Paulicéia dorme.

Em breve a luz se expande em minha mente:
Esses medievos nobres de Castela
Eram visões de um sonho, unicamente.

DIVINA COMÉDIA

Havia mochos, tédio e luar lá fora
Quando, na minha alcova de estudante,
Surgiu um misterioso visitante,
Que aí ficou até o romper da aurora.

Um formidável urubu gigante,
De bastas penas crespas cor de amora
E tendo os olhos rubros de quem chora,
Quis palestrar comigo sobre o Dante.

Disse-me o pássaro: – “Composto agora,
Não conteria o poema impressionante
O áureo verniz que o tempo não descora.

Sendo a alma humana do mistério amante,
Trata do Além, onde o mistério mora:
Nada tem para mim de interessante.”

(A Romança das Horas)

SEBASTIÃO LASNEAU

MATEMÁTICA DO TEMPO

O tempo passa e corre tanto...
Na sua marcha milenar,
Indiferente ao riso, ao pranto,
Alheio a dores e alegrias,
Vai pondo os dias sobre os dias,
Como parcelas a somar.

Ódios, paixões, lutas, enganos,
Nem mesmo o podem retardar.
Sempre embuçado em seus arcanos,
Vai pondo os anos sobre os anos
Em sua conta de somar.

Passa o presente a ser passado;
Passa o futuro a ser presente
E a ser passado há de passar
Enquanto o tempo, indiferente,
No seu constante caminhar,
Na sua marcha indefinida,
Vai pondo vida sobre vida,
Em sua conta de somar!...

VERSOS PARA VOCÊ

Quando você nasceu, era Setembro,
A natura de flores se enfeitava...
Faz muito tempo, mas, ainda me lembro:
– Todos sorriam, só você chorava!

Quem não queria ver a pequenita,
Que chegara de mundos encantados!
Dizia o pai: – Vejam como é bonita;
Que faces tem e com que tons rosados!

No lar, – a mais sublime das escolas,
Teve as lições magníficas do exemplo.
Aprendeu a ser boa, a dar esmolas,
E a nele se portar como num templo.

Hoje, feita mulher, formosa e linda,
Quanta ventura no seu peito mora!
Supondo a vida uma alegria infinda,
Que mundo de ilusões sua alma enflora!

Essa é a hora de todos os perigos,
Tenha, portanto, a máxima cautela!
Andam na sombra ocultos inimigos,
Numa ronda sinistra em torno dela:

Inicia-se a luta encarniçada,
É o mal e o bem; é a treva contra a luz.
Vejam seus olhos, quanto é longa a estrada
Cheia de abrolhos, que ao dever conduz.

Siga por ela, firme e resoluta,
Pois que a vida é passagem transitória!
Quem se fizer mais forte em toda a luta,
Mais louros colherá na eterna glória!

Jesus também sofreu e era perfeito:
Tinha a alma pura e manso o coração.
Mesmo pregado à cruz, sangrando o peito,
Ainda nos deu exemplos de perdão!

Lembre-se, pois, do Filho de Maria!
Faça dele, na vida, o seu escudo!
E ao chegarem as horas de agonia,
Refugie-se n'Ele, que Ele é tudo.

Seja sempre esse exemplo de bondade,
Que os corações e as almas alumia!
E ao regressar ao mundo da verdade,
Que todos chorem, mas você sorria!

(Versos Para Eva Musa)

ANITA GERSON ALÔ

DE MÃOS POSTAS

Permite, ó Deus,
seja eu digna de compreender
as Almas Sofredoras;

Que eu possa ver
na Mãe Desnaturada
um cego coração
que não anteviu Tua Luz;

Que eu possa sentir
no Filho-Proditor
aquele que não encontrou
a Estrada de Jesus;

Permite, ó Deus,
que eu possa ouvir,
dentro das palavras de vingança
da Turba-Exaltada,
o anseio máximo do Homem:
Justiça, Paz, Amor;

Senhor, que minha alma
assimile os sentimentos bons,
e que os maus
ela saiba transformá-los em Amor;

Que eu chore
com as lágrimas do Desgraçado,
e que sorria
com o riso do Abençoado;

Senhor, que eu veja uma Alma-Criança,
necessitada de Compreensão e Amor,
no assassino que pede Clemência;

Que em todo Crime e Injustiça,
que em todo Ódio e Inveja,
possa eu sempre chegar
ao âmago do Homem
e sentir
que tua Luz vive ali;

Senhor, que minha alma seja tão sensível
que eu possa sentir em mim
o Sofrimento alheio;

Permite, ó Deus,
que eu assim me revele,
pois assim sentindo,
não sou eu que me revelo,
és Tu que, em mim,
Te revelas.

QUERIDO

... marquemos um encontro,
não nesta, mas na outra vida.
Não chegues muito cedo,
espera por mim,
juro-te que não chegarei atrasada.

Espera por mim,
para que juntos possamos caminhar pelos bosques,
colher as mesmas flores, os mesmos frutos.

Espera por mim,
para que me possas guiar pelos novos caminhos.

Espera por mim,
quero que tu sejas o primeiro,
o único
a possuir o botão
que te oferecerei.
Espera por mim,
não sejas apressado,
não te canses muito nem me deixes tão cedo.

Querido,
... marquemos um encontro,
não nesta, mas na outra vida.
Não chegues muito cedo,
espera por mim,
juro-te que não chegarei atrasada.

CID FRANCO

AVATAR

1

Vieste lutando e sofrendo,
vieste de longe, ah! tão longe!
alma que de um monstro horrendo
subsiste a um corpo de monge.

Olhas o céu. E ainda vemos
nos olhos que ao céu levantas
a prisão entre os extremos:
garras de fera e mãos santas.

7

Sim, prisão. Preso, padeces
hesitações e temores,

movendo os lábios nas preces
distantes de alheias dores.
Preso estás ao preconceito,
à esperança, a tudo o que amas,
ao que julgas teu direito,
sonhos, desejos, programas,
teorias, prazeres, formas,
ao efêmero que aceitas
como Eterno, à Pátria, às normas,
à separação das seitas,
fronteiras, povos e raças...

E assim vais pensando, a esmo,
ó homem que te desgraças
pois te ignoras a ti mesmo.

9

O mesmo que foste outrora
em corpo, em matéria, em plasma.

Tu não percebes na aurora
que hoje te enleva e entusiasma,
tu não vês no luar, na estrela,
na água dos mares e rios,
na mais repugnante ou bela
das criaturas, nos sombrios
embriões de todos os seres,

a união de todas as coisas?
É difícil perceberes
a união de berços e lousas?

16

Suprema Sabedoria,
de que o ser nasce e renasce,
dá-me a paz, dá-me a alegria
ao irmão que me tortura.
No ódio que o cega e devora,
na insensatez, na amargura
dos próprios erros, ignora
que és Perdão e não Castigo,
és o Amor puro e perfeito.
Ainda usa o termo “inimigo”!
Nada sabe a teu respeito.

Dá-me a paz, dá-me a alegria
de oferecer-lhe a outra face,
Suprema Sabedoria,
de que o ser nasce e renasce.

(Avatar)

ENÉAS DOURADO

SALMO

Senhor,
minhalma é tarde nublada
e minha consciência não conhece o sol
porque o interesse mesquinho apaga o raio de luz
que surge na imensa escuridão interior.

Que a Tua suprema vontade
renasça outro dentro de mim
mesmo nesta carne
pois não sei
se merecerei
outro corpo.

Que meu coração não seja túmulo
que ele não seja caverna
que ele não seja a morte em vida;
que meu remorso seja minha redenção
que meu sofrimento seja a glória do futuro
que meu pranto seja a voz de Tua Justiça.

A Ti – eu rogo,
A Ti – eu imploro,
ó! meu Senhor,
acender no universo do meu cérebro
a luz de Tua divina razão,
para que eu compreenda meu destino iluminado.

TROGLODITISMO

Sem saber ser o que somos
sei que viemos de épocas recuadas
procedentes da eterna construção de existências
afirmando que o homem sempre há de morrer
para renascer outro melhor.

Donde originou o homem, hoje animal “superior”?
Peixe, estalactite, metamorfose granítica?
Mutação vegetal?
Afinal, donde vem esse resquício cósmico de cavernas
embriagado pelo absinto do progresso?

Descendemos de longe, de fases milenares, de tempos remotos,
trazendo dentro de nós, um mundo doutros mundos,

mundo perene, oficina purificadora de destinos,
arrebatando-nos do Nada, projetando-nos na evolução do Tudo.

Mas...

Tonto de dúvida, perdido no deserto do Não-Ser,
vencido pelo segredo das coisas
o esfíngico, místico mistério da Natureza
não cessa o estribilho do tempo,
a me convencer:

– Você foi, você é e há de ser!

INÚTIL PREOCUPAÇÃO

Para que sete palmos cavados à superfície da terra,
se enregelado não desertará o corpo?
De mim, façam o que quiserem. Lancem-me depois de tudo, ao fogo,
transformem o mar na mais profunda sepultura,
nada significará tal gesto, pois hei sempre de existir.

Afinal, por que tanta preocupação, se o repouso não faltará,
se em qualquer parte, de qualquer maneira, alimentarei vermes,
depois de tudo?

Que importa como repousar, se vermes ou corvos serão saciados?
Deixem-me em qualquer ponto da terra. Ela é sábia. É o bastante.

Para que tanta inútil preocupação?
Serei cinzas. Gota d'água. Átomo. Serei o próprio ar fedendo,
porém, hei de existir eternamente, como produto da evolução.

(Ritmos da Insônia)

J. HERCULANO PIRES

ARGILA

Quantas vezes me ergueste da lama da terra
modelando os meus corpos
como um oleiro paciente.

Quantas vezes me atiraste à poeira dos séculos
fazendo-me girar de mão em mão
no banquete do povos.

Quantas vezes de novo me arrancaste
dos anéis de estrelas do destino
a cinza do Tempo.

Mas, através das formas e das eras
o Teu sopro me impele.
E a indelével marca dos teus dedos
assinala a argila.

ESPERA

Ondas, brisas, nuvens, sombras, luzes, estrelas,
tecem e destecem a malha fugidia.

Nascem as flores
amadurecem os frutos
passam e repassam as luas e os sóis.
Berços e túmulos
povoam-se e despovoam-se.

Mas, no eterno vai-vem, no fluxo e refluxo
das coisas e dos seres
como um sol polar irradiando entre as névoas
permanece a tua face
imutável
esperando no silêncio.

ENIGMA

Sim, sim, tu és a raiz potente
que suga o húmus
nas profundezas da terra.
És a força misteriosa do oceano
Sacudido nas grandes noites lunares.
A doçura das espumas
quebrando-se nas praias.

Sim, sim, tu és o sol abrasador
dos meios-dias de verão.
És a tristeza das flores
caindo do outono.
És a seiva que irradia pétalas e ramos
na primavera,
e és a melancolia das manhãs de inverno
em que mostras tua glória
como um rosto velado nas nuvens.

Sim, sim, eu sei que tu és o enigma, o mistério,
o segredo da força e da beleza,
o motivo oculto e a evidente razão.
Eu sei, eu sei que tu és a voz imanente
soando sem cessar
no coração das coisas e dos seres.
És a voz de comando e és o próprio comando.
Porque em ti repousam
os murmúrios e os clamores,
e para ti voltam, sem cessar,
os que, de ti, sem cessar, se afastam.
Sim, sim, eu sei que tu és o último
e és também o primeiro,
e que todas as minhas palavras
voam, sem cessar, de ti para ti.
Mas não sei, ainda,
por que não posso pousar em teus múltiplos ramos
como um pássaro assustado
que se escondesse da noite.

(Argila)

JOSÉ BRASIL

ESTRELA GUIA

Eu tenho uma Estrela Guia
Que o caminho me alumia
Nesta romagem terrena.

Quando fico a meditar,
Vejo-me a peregrinar
Na vida calma e serena.

Às ciladas que me armam,
Logo também se desarmam
E nelas nunca tropeço.

Desejos – simples ou ousados,
Logo são proporcionados
E sempre mais do que eu peço.

Acho a vida boa e bela!
Gosto imenso de vivê-la,
Amá-la e compreendê-la.

Eu tenho uma Estrela Guia
Que o caminho me alumia
Nesta romagem terrena.

FINADOS!

Festa no cemitério!
Hoje é dia de Finados!
Levam flores,
levam velas,
castiçais
e jarros lindos, delicados.
Muitos, de preto vestidos,
outros, de branco também,
arrumam as flores,
acendem as velas,
rezam terço...
Padre Nosso,
Ave Maria...
Dizem – Amém.

Quantas sombras tristes, vagam
em torno das lousas frias,

sem notar a beleza das flores,
o fulgor da luz das velas,
nem sentir o poder dos terços,
Padre-Nossos...
Ave-Marias.

Hoje é dia de festa no cemitério!
Hoje é dia de finados!
E que adiantam flores,
velas, jarros, castiçais
na festa do cemitério
neste dia de Finados?
Pra que cantos funerários,
se os que partiram
– partiram –
não estão ali plantados,
não necessitam de flores,
velas... cantos funerários?

CONFLITO

Certo dia, resolvi voltar
ao mundo onde muitas vidas vivi.
Precisava rever companheiros
com quem convivi e muito ofendi.
Vinha com o firme propósito
de quebrar o meu orgulho
e a todos me humilhar
porém, assim que cheguei,
tudo... tudo estranhei:
quem deixara chorando,
agora ouço cantando...
quem conheci odiando,
encontro agora amando!...
carinhosos e gentis
os que eram brutos e hostis.
e tudo ficou esquecido... apagado...
Sei que vinha com o propósito
de quebrar meu orgulho
e a todos me humilhar,
esqueci tudo ao chegar.
Hoje apenas sei quem sou.
E quem fui?
Conheço o plano onde estou.
E de onde vim?

E o propósito que trazia
tão importante para mim?
Como corrigir meus erros,
neste mundo de desterro,
se tudo está apagado
do que ocorreu no passado,
onde vivi muitas vidas
e crimes vis cometi?
Lembro-me de que certo dia
quis vir de novo até aqui,
humilhar-me a companheiros
que explorei e ofendi.
Pensei encontrá-los tristes
e encontrei-os diferentes...
esquecidos dos meus crimes,
estavam todos contentes!
São todos gentis comigo.
Por que me chamam de amigo?
Sei que me deviam odiar
e vivem a me abraçar.

Sei que é preciso chorar
e algum perdão implorar
àqueles que vivem comigo.
Vivo em intenso conflito
sem encontrar explicação.
Todos me chamam – AMIGO!
Todos me chamam – IRMÃO!
Não deixam que me humilhe
Implorando-lhes perdão!

(A música da vida)

LUIZ GOULART

REGRESSO

Quando voltaremos?...
Não sei...
Apenas sei que existe uma viagem,
Uma viagem de regresso!
No mundo das origens,
A alma da alma,
O espírito do espírito,
Nos espera... e nós voltaremos!
Não importa a lanterna apagada,
Não importa a treva dos espectros,
Não importa a distância...
Nós voltaremos...
Voltaremos a nos unir
Naquele ponto de partida...

Eu escuto, no silêncio,
A voz da Eternidade...
E ela me segreda
Que – voltaremos!
Pois tu – suprema Esperança –
Dizes-me constantemente:
Não existe o nunca mais...

Basta sentirmos nas espáduas
O peso da agonia
Para sabermos que voltaremos...
Quando?
Não sei...
Levam eternidades
As viagens de regresso!

(Castelo de Plumas)

PALAVRAS DE UMA ALMA

Nas minhas mãos
Ainda sinto o perfume
De todas as ilusões fugidas
Nas madrugadas...

O céu avermelhado feriu meus olhos
Embaciados de luar
E o romântico dorme, hoje,
No berço do coração

Embalado por cantigas misteriosas.

Não me venham acordar meus sentimentos.

No sono, caminho.
Na vida, adormeço...

Meu espírito desceu
Como flocos de neve
Na paisagem da existência
E o calor do sol
Transformou-se em suave riacho
Que corre para o oceano de Deus...

Despediu-se minha alma da vida...
E a vida mora em minha alma
Transformada em perfume
De recordação...

AROMA DA VIDA

Vejo tuas mãos sangrando,
Feridas no cavar a terra
Do passado...

.....

Mas tudo em vão,
Tudo perdido!

Talvez, no entanto, se as estenderes
Cheias de argila seca
Possas, diante da inquietude,
Regá-las de pranto...
Então, por acaso, nascerão
De tuas palmas em concha
As plantas do sacrifício...
E as flores roxas ou vermelhas
Serão oferendas ao deus
Que os desventurados chamam
Destino...
Depois, beija as tuas mãos
E, nelas, descobrirás o aroma
Da vida que passou...

(Barca de Osíris)

LYGIA DE ANDRADE BARBOSA

DOIS TEMPOS

Eu ontem fui alma.
Andei ao léu,
entre águias com asas de luz,
num roteiro com gosto de céu.
Exilada das trevas, não cativa,
eu fui assim, privada de estrelas.

Eu hoje – não sou. Vesti-me.
O hoje que é nunca mais...
o hoje que se perde sempre...

Dentro da memória
eu tenho uma alma que chora.

Destilo o sabor de astros mortos
no meu lábio seresteiro;
meu abraço distorcido
é gesto de cativo.

O Hoje é carne falida e prisioneira,
voz impotente, lábios de fel...
O Ontem foi alma pioneira,
poema branco no mistério do céu.

O Hoje que é nunca mais...
O Ontem que foi tudo...

VERTIGEM DA PROCURA

Do abismo primitivo – a paz elástica...
A levitação serena do sonhar
acompanhando a alma dilatada
à fonte do início e do nunca findar...

A Verdade. Sobretudo a Verdade!
A expulsão do medo e das formas,
evoluindo na música da Eternidade.
O contato das estrelas, o assombro
da posse sideral, sentir os rasgões
de luz sobre o corpo humano
e brotar das feridas o clarão da alma.

A vertigem dos cometas,

correndo pelos nossos olhos espírito.
O ardor etérico iluminando o gesto
na revoada de sonhos ao Infinito.
A dança evolutiva das nebulosas sem tempo,
a boêmia contagiante dos astros plebeus.
Sempre o voo – sempre o eterno voo!
– e o encontro fatal marcado com Deus!

A QUEDA

Eu sou assim, dispersa,
talvez um sonho, um mito,
sou alma submersa
no mistério do Infinito.

A minha voz destronada
de cigarras outonais
são respingos de saudades
na cantiga dos meus ais.

Quem sou eu?..
– espectro, sem caminhos,
longe das águias reais
que fazem nas nuvens seus ninhos.

As asas que viajaram o meu sonho
diluíram-se na carne que tumultua.
No silêncio da morte no corpo
eu sinto, tremendo, uma alma sepulta.

Eu sou assim, a saudade
de uma existência vivida..
Talvez, uma montanha branca nos céus,
noiva do espaço, de nuvens vestida
e com flores de neve caindo aos pés.

Eu sou a lágrima de uma amplidão,
o rastro de luz de uma estrela correndo.
Sou o fantasma brilhando na escuridão
de um cadáver, em chamas, nos céus morrendo...

(No roteiro dos astros)

PLÍNIO PEREIRA RIBEIRO

LUZ DO AMOR

Tu que passas chorando
pela estrada deserta e pedregosa
que se prolonga para as bandas do ignoto,
bate à minha porta – é o último casebre...
Repartirás comigo tua mágoa
e repartirei contigo o pão escasso
que eu mesmo retirei das nascentes perdidas
nos cascalhos brutais das ilusões...

Quando em teu rosto não rolar mais pranto
e quiseres seguir o teu Destino,
se não houver altar dentro de ti
para rezarmos juntos, pela despedida,
eu orarei sozinho, pedindo a Deus
que acenda pelo teu caminho
a lanterna da Fé que o vento não apaga...
E se voltares
sem lâmpada e vestido com os farrapos
irreconhecíveis da Esperança,
eu chorarei contigo todas as minhas lágrimas
e bendirei a Deus porque voltaste,
e pondo o coração nos lábios
dir-te-ei por fim:
– Amigo, onde existe a Vida
tem que surgir obrigatoriamente a Dor,
se queres ser feliz,
acende em teu altar a lâmpada do Amor...

MESTRE

Admirabilíssimo Rabi,
eu estava presente,
quando seguias pela rua do Martírio,
rumo ao pináculo do Gólgota...

A turba submissa ao látego de César,
não podia te entender
e aos senhores da fama davas medo...

Eras demais na terra,
segundo o pensamento de Caifás...

Eu te julguei agitador sereno,

abrindo sementeira de promessa
sobre a rocha falaz do Grande Nada...

Eu não te compreendi!...

ensinavas beleza ao mísero estropeado,
perdoando ao potentado os desatinos...

Não desejes voltar a este aprisco!...
Os homens são os mesmos,
e aquela velha turba, anda à procura
dos tesouros do mundo,
a gargalhar estrepitosamente
do “Amai-vos uns aos outros”...

LITANIA

Sinto-Te, Pai, no divinal silêncio
da oração dos álamos...
Encontro-Te amparando as asas trêmulas
da abelha descuidada...
Vejo-Te, ainda, Pai, no Indefinido...
nas lágrimas das mães...
Ouço-Te, lendo, calmo, os Evangelhos
pelos idiomas claros dos oceanos
e no rosário de cristal do veio d'água,
abrindo estrada para o mar, molhando
os lábios do viandante...
Sinto-Te, abençoando o sal de minhas lágrimas...
Vejo-Te, Pai, no carinho das lobas,
montando guarda aos filhos indefesos...
Escuto-Te na música... És notável
no perfume da flor,
de onde Tu partes tão desconhecido,
que o homem bom Te chama, simplesmente: Amor...

(Miragens do Meu Silêncio)

SELENEH DE MEDEIROS

SENHOR! TIRA-ME TUDO, SE MEREÇO...

Senhor! Tira-me tudo, se mereço,
tira-me a luz, o amor, a inspiração!
Não me tires, porém, Deus de clemência,
esta piedade pelos que padecem,
que sempre iluminou meu coração!

Dá que eu tenha fragrância de alma, sempre,
para estender fraternalmente os braços
a quem me pede um pouco de esperança...
para cuidar da chaga de um estranho,
para enxugar as lágrimas de um ímpio,
para chorar se chora uma criança...

AMANHÃ

Meu Filho:

Amanhã não haverá luto de guerras...
Amanhã não haverá prantos de miséria...
Não haverá meninos sem infância...
Não haverá separações no mundo...
Amanhã,
os braços que estão cheios de calor
se estenderão para aquecer o frio...
As mãos que trazem flores de ternura
enxugarão as lágrimas de dor...
Tudo isso, meu Filhinho, meu Querido,
porque os homens, enfim, terão compreendido
a grandeza cristã desta palavra – Amor!...

(Amanhã)

POEMA DA PRESENÇA TOTAL

Em todas as criaturas que amanheceraam crianças,
pés descalços, cabelo solto ao vento,
olhos lavados de inocência eterna,
em todas elas, infinitamente,
eu estive presente,
esperando por ti!

Em todas as virgindades de corpo e de alma
que se ofertaram pela vez primeira,
num holocausto pleno para o amor,
em todas, todas, invisivelmente,
eu estive presente,

esperando por ti!

Em todos os olhares espreitados,
que mediram distâncias de horizonte...
em todos os pensamentos humildes,
que ficaram sem voz, e sem resposta...
em todas as mãos súplicas, crispadas
na dor do derradeiro frenesi,
eu sempre estive, inumeravelmente,
esperando por ti!

E assim tu me encontraste, sem saber,
em todas as mulheres que te amaram...
Nas mulheres mais puras,
nas mais tristes mulheres,
impregnadas de cais e maresia,
que confundem na mesma nostalgia
todos os marinheiros que passaram...

E me encontrastes em todos os amplexos,
em todos os silêncios de ternura...
Ressonância sem voz, pedido inútil,
morta esperança, inúmera procura...

E eu te esperei na curva dos caminhos,
nos pontos sem roteiro ou latitude,
nas ilhas submergidas de coral...
E te esperei assim no mundo inteiro...
Onde existisse um ser em expectativa,
onde vibrasse uma ânsia, palpitando,
estava eu, multiplicadamente,
esperando... esperando...

Mas chegaste, Querido!
Belo como o destino,
perene como um símbolo!
E eu que há milênios
trago esta longa busca universal,
eu repouso em teu peito
a cabeça cansada
e te digo chorando este poema
da presença total!

(Canarana)

TEREZINHA REBELO DE MENDONÇA
O VIOLINO

Chora, além, o violino docemente...
Como és tristonho no teu canto etéreo
Que o sussurro do vento faz lembrar!
E ouvindo-te tocar num tom funéreo
Sinto dentro de mim
A tristeza infinita
Da profundidade oceânica do mar.

E vejo, então, que as mágoas nunca morrem!
São contas do rosário da existência
Que desafiando vou,
Amarguradamente,
Ansiando pelas horas que se escoam
Pois elas voam
Céleres, ligeiras...
Um tumulto febril em mim cantando
Uma serena harmonia embalando
Sinto dentro de mim.

E, na dualidade do meu Ser,
Torno a pensar e fico sem saber
A razão de tamanho sofrimento.
Não sei porque. Por que será, Senhor,
Que ao lado da tristeza amarga,
Como se muda a noite em belo dia,
Em luzente alvorada.
Nasce em meu coração
Este desejo imenso de viver?
Por que, Senhor, vejo, agora, fulgindo
Mil sóis dentro de mim?

E o violino continua docemente...

Ele não fala, sente, nada mais...
Que importa, porém, se o sentimento é tudo
E ele me faz saber
Da existência de um amor profundo,
Razão do meu viver,
Que nasceu e morreu dentro de mim...

E ao ouvir-te gemer em teu santo gemido
Sinto que sentes o que existe em mim:

A sensação de flores desfolhadas...
E de cristais sonoros se partindo...
E de lágrimas de amor em vão choradas...

WALTER JOSÉ FAÉ

TRANSIÇÃO

Hirta, gelada, as mãos em cruz no peito,
Por entre os círios que se esvaem chorosos,
É morta a jovem para o humano olhar.

Pálida e magra, as faces maceradas,
Olhos vendados para a luz terrena,
Dorme a carcaça que foi moça um dia.

Os brancos lábios foram rubros ontem,
As mãos inertes foram mãos tocadas
Por outras portadoras de carícias.

Extinguiu-se a matéria impura, ignóbil,
Sonhos, venturas, glórias – vão com ela
Na transição funérea para os homens.

Os tristes círios se apagando vão,
Hirta, gelada, só matéria fria,
Dorme a donzela. Mas, ao despertar

Lá nas ignotas regiões do Além
Vislumbrará de Deus as mãos benditas
E a verdadeira Vida irá viver.

QUASE UMA PRECE

Deus, pai de misericórdia infinita,
Senhor dos Universos,
Eis-me diante de vós.

Mestre Sapientíssimo!
Vós que destes o canto aos pássaros,
À flor o perfume,
À noite as estrelas,
Ao dia o sol;

Vós que criastes o rio e o mar,
A erva humilde e o cedro portentoso,
A rocha e o grão de areia;

Vós que sois o criador da ovelha e do chacal,
Da pomba e do condor,
A vida também me destes, Pai generoso.

Artífice Inigualável!

Em tudo pusestes o toque de Vossa Divindade!

Pai Amantíssimo!

Olhos me destes para que eu contemplar pudesse

As maravilhas de vossa bem-aventurança;

De ouvidos me dotastes para ouvir

Os poemas sinfônicos escritos pela Natureza;

E me enriqueceste, sobretudo, com um coração para poder captar

A magnitude do vosso Amor.

Obreiro Sacratíssimo!

Vós que me fizestes à vossa semelhança,

Aureolando-me a fronte com os raios de vossa luz bendita,

Que me dotastes de raciocínio para compreender

A bondade e a perfeição de vossos atos,

A equanimidade de vossa Justiça,

Concedei-me também, eu vos suplico,

A fortaleza de espírito para que possa ser (como quereis)

Simple e puro como os passarinhos,

Manso e piedoso

Como as ovelhas de vosso redil sacrossanto.

Senhor! Vós que sois o Pai de todas as criaturas,

Dai-me a Humanidade, o Amor e a Compreensão,

Para que eu possa seguir as vossas Leis,

Orientador Onipotente!

Dai-me a Fé de vossos Anjos diletos,

A ingenuidade dos pequeninos que tanto amais,

E ponde sempre, Senhor, nos meus pobres lábios

O carinho sublime – que é o consolo para os que sofrem,

O riso espontâneo – que é o bálsamo para os aflitos

E a prece contrita – que é a antena sensível

Por onde recebo o vosso divino amparo.

Juiz Magnânimo!

Vós que me concedestes o livre arbítrio,

Guiai-me, Pai, em meus passos a fim de que eu não me perca

Pelas enganadoras estradas da existência.

Consolador do aflitos!

Derramai sobre mim os eflúvios de vossa benemerência

E permiti que eu me purifique através do sofrimento.

Dominador da Vontade!
Fazei com que os vossos desígnios parem acima de minhas paixões
Para que eu possa glorificar-vos aqui na terra
E vislumbrar, um dia, as réstias sagradas de vossa Beatitude
Nas mansões da Eternidade.

Assim Seja!

(De joelhos)

ÍNDICE ALFABÉTICO DAS POESIAS

A

Agonia da tarde / 37
Águas / 39
Amanhã / 77
Argila / 66
Aroma da vida / 72
As moradas do céu / 45
Astro morto / 16
Ausentes / 24
Avatar / 62
Avatares / 23

C

Canto de cisne / 48
caridade (A) / 48
Castela / 57
Ciranda da vida / 55
Conflito / 69
Credo / 31
Crença de mãe / 32

D

De mãos postas / 60
Despertar da alma / 51
Deus / 20
Divina Comédia / 57
Divina Epopeia (A) / 25
Dois tempos / 73
dor (A) / 56

E

Enigma / 66
Entre tumbas / 39
Espera / 66
Estranhezas / 41
Estrela Guia / 68
Eu / 45
Eu sei... / 53

F

Fantasma / 17
Fé (A) / 19

Finados / 68

I

Idílio / 18
Incansável / 30
Inútil preocupação / 65

J

Jesus / 30

L

Litania / 76
Lucífugos / 50
Luz do amor / 75

M

Matemática do tempo / 58
Meditação / 36
Mestre / 75
Metempsicose / 39
Morte de Santa / 47

N

Na gare / 46
"Nem só de pão vive o homem" / 19
Noturno / 34

P

Palavras de uma alma / 71
Parábola da gota de orvalho / 33
Plenitude / 43
Poema da presença total / 77
Por entre campos / 32
Preferido (O) / 29

Q

Quase uma prece / 81
queda (A) / 74
Querido / 61

R

Regresso / 71

Reinaldo / 21
Resignação / 29

S

Salmo / 64
Senhor! Tira-me tudo, se mereço... / 77
Sermão / 33
Síntese Evolutiva / 41
Soneto (Eugênio de Figueiredo) / 36
Soneto (Leôncio Corrêa) / 48
Soneto (Leopoldo Machado) / 46

T

Transição / 81
Trogloditismo / 64
Tuberculosa / 47

V

Velado arcano / 41
Versos à Mãe do Céu / 53
Versos para você / 58
Vertigem da procura / 73
Vida / 30
vida tem mil caminhos (A) / 37
violino (O) / 79

Terminou-se a impressão deste livro no dia dezoito de abril de mil novecentos e cinquenta e nove, nas oficinas dos Irmãos Pongetti, no Rio de Janeiro